

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
CURSO DE JORNALISMO

EDUARDO MAGNUS CHAVES

**A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO ESPORTIVO NO COMBATE AO RACISMO: UMA
ANÁLISE DO CASO VINICIUS JÚNIOR NO JORNAL ESPANHOL MARCA**

Porto Alegre
2024

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

EDUARDO MAGNUS CHAVES

**A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO ESPORTIVO NO COMBATE AO
RACISMO: UMA ANÁLISE DO CASO VINICIUS JÚNIOR NO JORNAL ESPANHOL
MARCA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Jornalismo para a Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Doutor Fábio Canatta de Souza

Porto Alegre

2024

EDUARDO MAGNUS CHAVES

**A FUNÇÃO SOCIAL DO JORNALISMO ESPORTIVO NO COMBATE AO
RACISMO: UMA ANÁLISE DO CASO VINICIUS JÚNIOR NO JORNAL ESPANHOL
MARCA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para a obtenção do grau de Bacharel/Licenciado em Jornalismo para a Escola de Comunicação, Artes e Design da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: ____ de _____ de 2023

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Doutor Fábio Canatta de Souza (Orientador)

Prof. Doutor Deivison Moacir Cezar de Campos

Prof. Doutor Juremir Machado da Silva

AGRADECIMENTOS

Para começar este texto, é preciso voltar cerca de seis anos no tempo. 2019 é logo ali. O Eduardo da época, no entanto, não tinha o mesmo pensamento – e que ótima notícia. Em determinados momentos da vida, tem horas que duram dias, dias que duram semanas, semanas que duram meses, meses que duram anos, e por aí vai, cada pessoa com sua ilusão de eternidade.

Um caminho acadêmico que iniciou com visitas a tribunais do júri e finalizou com dezenas de ligações, somente durante uma manhã de aula, para conseguir convidados para um programa de debate. Deixar de lado os cinco semestres de Direito já cursados em troca de uma nova estrada na faculdade de Jornalismo parecia tempo perdido, dinheiro jogado fora e uma provável decepção familiar. Foi necessário um empurrão no dia 18 de setembro daquele ano para que eu rompesse essa barreira. E o destino me ensinou a ter fé na existência do meu próprio tempo.

Um sonho de infância que estava guardado deixou de ser uma lembrança para se tornar uma realidade em março de 2020. Passei a acreditar cada vez mais que estamos neste mundo para idealizar, experimentar e acertar; ou falhar, o que é muito importante, mas continuar a tentar. Foram muitos testes, em diversos formatos, áreas, veículos, idiomas e países. Um Eduardo que foi reformulando pensamentos e que ainda continua se reinventando.

Dou início aos agradecimentos àqueles que sempre me apoiaram na decisão que tomei: meus pais Cesar e Claudia. Muito obrigado, mesmo. A decepção familiar, no fim, era só ilusão. Atualmente, ouvir que sou motivo de orgulho pela carreira em construção reafirma que escolhi certo. Ao meu irmão Rodrigo, obrigado por abrir as fronteiras da dúvida e mostrar que somos mais felizes em ambientes que amamos. Ao restante da família, o incentivo de vocês, desde quando era pequeno, me fez crer que ainda era possível cruzar com o jornalismo no caminho.

Às amigas construídas nos corredores da universidade, no Editorial J, na Band, na revista piauí, na CEU San Pablo e no Grupo RBS, agradeço a parceria e os aprendizados compartilhados por todos os colegas, cada um com suas singularidades.

Por fim, destaco minha gratidão a dois mestres que merecem levar os nomes neste trabalho. Fábio Canatta, meu orientador, muito obrigado pela confiança ao longo destes nove semestres de Famescos. As constantes palavras de

encorajamento e críticas construtivas moldaram minha prática jornalística, tornando-a mais atenta aos detalhes. Sim, é nosso dever impactar e contribuir para uma sociedade mais justa, informada e consciente. À Fernanda da Escóssia, o tema desta pesquisa se deve ao convite feito naquele 22 de maio de 2023. Muito obrigado por acreditar em meu potencial e ser inspiração para contar histórias sob novas perspectivas.

Hoje, o tempo parece correr. Com ele, corro eu também, sabendo que cada decisão, cada mudança de rumo, contribui para a construção do meu próprio caminho. Do meu jeito, em busca do meu verdadeiro eu e do meu lugar no mundo. Por isso, até como forma de exercício pessoal, agradeço à minha pessoa. Por valorizar minha própria vontade e seguir meu coração. Deu tudo certo.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo analisar as características e a evolução da cobertura realizada pelo jornal impresso esportivo MARCA, da Espanha, ao longo de oito casos de racismo sofridos por Vinicius Júnior na temporada 2022/23 do futebol espanhol. Nesta escrita, a revisão teórica compreende o surgimento da noção de raça, o racismo e os demais conceitos que o permeiam, investigando seu contexto histórico, principalmente no colonialismo e a presença no esporte, com embasamento em estudiosos como Silvio Almeida (2018), Djamila Ribeiro (2019), Kabengele Munanga (2004) e Antumi Toasijé (2023). O jornalismo é pensado a partir da reflexão dos princípios éticos do meio, ligados à defesa da democracia e dos direitos humanos, conforme Eugênio Bucci (2000), Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004). A pesquisa ainda explora a credibilidade histórica e o papel da jornalismo impresso na sociedade espanhola, com destaque para pesquisas da Associação para Pesquisa de Meios de Comunicação da Espanha (2024) e da Fundação BBVA (2024). Por meio do método "Análise de Conteúdo", segundo Laurence Bardin (1977), o trabalho revela, entre outros padrões, superficialidade dos conteúdos relacionados aos casos de racismo, falta de reconhecimento explícito dos atos como racistas e mais críticas do que elogios à postura da vítima. Percebe-se, também, uma mudança editorial na repercussão do oitavo e último episódio, que teve maior repercussão e pressão mundial.

Palavras-chave: Racismo; Vinicius Júnior; jornalismo impresso; jornalismo esportivo; MARCA; futebol; Espanha.

RESUMEN

El presente trabajo de fin de grado tiene como objetivo analizar las características y la evolución de la cobertura realizada por el diario deportivo MARCA, de España, a lo largo de ocho casos de racismo sufridos por Vinicius Júnior en la temporada 2022/23 del fútbol español. La revisión teórica abarca el surgimiento de la noción de raza, el racismo y los demás conceptos que lo rodean, investigando su contexto histórico, principalmente en el colonialismo y en el deporte, con base en estudiosos como Silvio Almeida (2018), Djamila Ribeiro (2019), Kabengele Munanga (2004) y Antumi Toasijé (2023). El periodismo se contempla a partir de la reflexión sobre los principios éticos del medio, ligados a la defensa de la democracia y los derechos humanos, según Eugênio Bucci (2000), Bill Kovach y Tom Rosenstiel (2004). La investigación también explora la credibilidad histórica y el papel del periodismo impreso en la sociedad española, destacando investigaciones de la Asociación para la Investigación de Medios de Comunicación de España (2024) y la Fundación BBVA (2024). A través del método de "Análisis de Contenido", según Laurence Bardin (1977), el trabajo revela, entre otros patrones, la superficialidad de los contenidos relacionados con los casos de racismo, la falta de reconocimiento explícito de los actos como racistas y más críticas que elogios hacia la postura de la víctima. Además, se observa un cambio editorial en la repercusión del octavo y último episodio, que tuvo mayor repercusión y presión a nivel mundial.

Palavras-chave: Racismo; Vinicius Júnior; periodismo impreso; periodismo deportivo; MARCA; fútbol; España.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Exemplar do jornal MARCA do dia 19/09/2022.....	49
Quadro 2 – Exemplar do jornal MARCA do dia 20/09/2022.....	50
Quadro 3 – Exemplar do jornal MARCA do dia 01/01/2023.....	52
Quadro 4 – Exemplar do jornal MARCA do dia 27/01/2023.....	53
Quadro 5 – Exemplar do jornal MARCA do dia 06/02/2023.....	55
Quadro 6 – Exemplar do jornal MARCA do dia 07/02/2023.....	56
Quadro 7 – Exemplar do jornal MARCA do dia 19/02/2023.....	57
Quadro 8 – Exemplar do jornal MARCA do dia 20/02/2023.....	58
Quadro 9 – Exemplar do jornal MARCA do dia 07/03/2023.....	59
Quadro 10 – Exemplar do jornal MARCA do dia 20/03/2023.....	60
Quadro 11 – Exemplar do jornal MARCA do dia 22/05/2023.....	61
Quadro 12 – Exemplar do jornal MARCA do dia 23/05/2023.....	63
Tabela 1 – Retrospecto da categoria "Posição na edição".....	66
Tabela 2 – Retrospecto da categoria "Formato jornalístico".....	67
Tabela 3 – Retrospecto da categoria "Posição no texto".....	67
Tabela 4 – Retrospecto da categoria "Profundidade do tema".....	68
Tabela 5 – Retrospecto da categoria "Percepção do racismo".....	69
Tabela 6 – Retrospecto da categoria "Formato jornalístico".....	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 RACISMO, COLONIALISMO E FUTEBOL.....	13
2.1 RACISMO E CONCEITOS.....	13
2.2 COLONIALISMO E CONTEXTOS.....	17
2.3 RACISMO E FUTEBOL.....	23
3 JORNALISMO: IMPRESSO E ESPORTIVO.....	30
3.1 JORNALISMO, ÉTICA E DEMOCRACIA.....	30
3.2 JORNALISMO IMPRESSO E CREDIBILIDADE.....	35
3.3 ESPORTE E JORNALISMO ESPORTIVO.....	39
4 ANÁLISE.....	44
4.1 JORNAL MARCA.....	44
4.2 METODOLOGIA.....	45
4.3 AS COBERTURAS.....	48
4.3.1 Caso 1: Atlético de Madrid x Real Madrid (18/09/2022).....	48
4.3.2 Caso 2: Valladolid x Real Madrid (30/12/2022).....	51
4.3.3 Caso 3: Real Madrid x Atlético de Madrid (26/01/2023).....	52
4.3.4 Caso 4: Mallorca x Real Madrid (05/02/2023).....	54
4.3.5 Caso 5: Osasuna x Real Madrid (18/02/2023).....	57
4.3.6 Caso 6: Betis x Real Madrid (05/03/2023).....	59
4.3.7 Caso 7: Barcelona x Real Madrid (19/03/2023).....	59
4.3.8 Caso 8: Valencia x Real Madrid (21/05/2023).....	60
4.4 O RETROSPECTO.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	71
REFERÊNCIAS.....	74

1 INTRODUÇÃO

O atleta brasileiro Vinicius Júnior tem sido alvo de atos racistas oriundos das arquibancadas enquanto atua pelo clube espanhol Real Madrid. A frequência aumentou ao longo dos últimos anos: oito casos de racismo contra o jogador foram registrados apenas na temporada 2022/23. Em resposta aos ataques e à inércia das autoridades, Vinicius tem se posicionado ativamente contra o preconceito, tanto dentro quanto fora de campo, também questionando a abordagem dos veículos da Espanha em relação ao racismo.

O tema deste trabalho de conclusão de curso tem motivações pessoais do autor, que viveu na capital espanhola Madrid de agosto de 2022 a julho de 2023 e presenciou histórias cotidianas de racismo, descritas em reportagem¹.

Na noite do dia 18 de setembro do ano passado, o grito de “mono” (macaco, em espanhol) ecoou num bar da zona nobre de Madrid como se fosse uma palavra qualquer. O Real Madrid tinha aberto o placar do clássico da capital contra o Atlético de Madrid [...] O torcedor do Atlético espumou pela boca ao proferir a ofensa racista contra Vinicius – mas ninguém no bar se incomodou ou revoltou. Alguns riram (Chaves, 2023).

A partir deste contexto, o autor estabeleceu como problema de pesquisa detectar as características da abordagem jornalística do jornal diário MARCA, impresso mais vendido da Espanha, em relação aos ataques racistas sofridos por Vinicius Júnior em dias de partida durante a temporada 2022/23 do futebol espanhol. Sendo assim, o objetivo principal é entender o papel do jornalismo esportivo no combate ao racismo.

Ainda, o presente trabalho tem como objetivos específicos: estudar a evolução do racismo no contexto social, aprofundar teoricamente os conceitos de racismo estrutural e colonialismo, entender a relação de credibilidade do jornalismo impresso com o público espanhol, identificar os casos do atleta em questão, e observar a representação do racismo na cobertura esportiva do jornal escolhido.

¹ CHAVES, Eduardo Magnus. “**Somos todos Vinicius Júnior**”: as histórias cotidianas de racismo na Espanha. revista piauí, Madrid, 25 mai. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/somos-todos-vinicius-junior-as-historias-cotidianas-de-racismo-na-espanha/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

Diante do exposto, o segundo capítulo aborda a etimologia e a evolução do conceito de racismo, além de demais conceitos que o permeiam, com o embasamento em estudiosos como Silvio Almeida (2018), Djamilia Ribeiro (2019) e Kabengele Munanga (2004) para uma compreensão ampla da presença do fenômeno na sociedade. O texto explora como o termo de raça, a partir de uma construção social sem base científica, foi utilizado para perpetuar e justificar desigualdades ao longo da história.

Nessa linha, mergulha-se no colonialismo europeu, com conhecimentos de Frantz Fanon (1968), para observar as origens que levaram ao cenário atual. A dominação política, econômica e cultural do período moldou relações globais baseadas na exploração e opressão. A Espanha, central na criação do racismo estrutural moderno, tem apenas 1,5% de negros em sua população total – cerca de 47 milhões, conforme o Observatório Espanhol do Racismo e da Xenofobia (2020). A ocupação do território espanhol por estrangeiros diminuiu a esmagadora maioria branca, mas os imigrantes enfrentam uma discriminação sistemática no cotidiano.

Ainda, o capítulo aprofunda o surgimento do futebol e o racismo existente nesse ambiente, sobretudo no Brasil e na Espanha, com apresentação de dados. O contexto histórico é abordado desde episódios que envolveram a proibição de estrangeiros nas competições até os primeiros casos documentados de racismo e as questões raciais no futebol contemporâneo.

Na sequência, o terceiro capítulo deste trabalho explora os compromissos éticos do jornalismo para com a sociedade, como a busca incessante por justiça e democracia, conforme os estudiosos Eugênio Bucci (2000), Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004). Também contempla as características e o panorama atual do formato impresso da atividade jornalística, o impacto e a credibilidade histórica por meio de dados do Poder360 (2023), da Associação para Pesquisa de Meios de Comunicação da Espanha (2024), da Datafolha (2020) e da Fundação BBVA (2024).

Posteriormente, direciona-se ao jornalismo esportivo. Para compreender sua função social, que não deve se limitar a relatos e análises superficiais das competições. A partir disso, observa-se que a editoria de esporte deve ultrapassar o entretenimento e abordar pautas político-sociais, bem como qualquer área especializada do jornalismo.

Dedicado à análise, o quarto capítulo investiga a evolução e as características da abordagem do jornal esportivo impresso MARCA, da Espanha,

sobre os oito casos de racismo sofridos por Vini Jr. em dias de partida da temporada 2022/23. A escrita apresenta o veículo a ser analisado por meio da metodologia "Análise de Conteúdo", com base no modelo proposto por Laurence Bardin (1977). A pesquisa do presente trabalho define seis categorias para investigar padrões no discurso midiático: posição na edição, formato jornalístico, posição no texto, profundidade do tema, percepção do racismo e imagem de Vinicius Júnior. A análise contempla os exemplares dos dois dias seguintes aos episódios racistas.

Por último, o capítulo das considerações finais do autor destaca e faz reflexões sobre os resultados encontrados na pesquisa. Neste sentido, o trabalho pretende servir como uma reflexão crítica sobre o papel social do jornalismo esportivo, especialmente impresso, frente a questões raciais, visando uma abordagem mais responsável e comprometida com a defesa dos direitos humanos.

2 RACISMO, COLONIALISMO E FUTEBOL

O capítulo a seguir explora o racismo e demais conceitos que o permeiam, como raça, discriminação e preconceito racial, fundamentais para entender a dinâmica deste fenômeno na sociedade. O texto vai ao encontro das origens das manifestações racistas, na desumanização e exploração de povos durante o colonialismo europeu, para qualificar a análise do panorama atual. Também destaca as marcas do racismo estrutural no ambiente do futebol, que historicamente impõe barreiras aos jogadores negros e estrangeiros.

2.1 RACISMO E CONCEITOS

De acordo com a etimologia, a palavra "racismo" deriva de dois outros termos: "raça" e "ismo" (Michaelis On-line, 2024). Com origem no latim, a definição de "raça" foi traduzida do italiano "*razza*", que tem sorte, espécie e categoria como significado. Segundo o dicionário on-line Michaelis On-line (2024), raça diz respeito à "divisão dos vários grupos humanos, diferenciados uns dos outros por caracteres físicos hereditários, tais como a cor da pele, o formato do crânio, as feições, o tipo de cabelo, etc."

A definição está ligada à área da Biologia, mais especificamente à taxonomia – disciplina que classifica animais e plantas existentes no planeta Terra. No século XVIII, o naturalista sueco Carolus Linnaeus reconheceu quatro categorias dentro da espécie humana (*Homo Sapiens*), levando em conta a origem geográfica e a cor da pele como principais critérios:

- Americano, que o próprio classificador descreve como moreno, colérico, cabeçudo, amante da liberdade, governado pelo hábito, tem corpo pintado.
- Asiático: amarelo, melancólico, governado pela opinião e pelos preconceitos, usa roupas largas.
- Africano: negro, flegmático, astucioso, preguiçoso, negligente, governado pela vontade de seus chefes (despotismo), unta o corpo com óleo ou gordura, sua mulher tem vulva pendente e quando amamenta seus seios se tornam moles e alongados.
- Europeu: branco, sangüíneo, musculoso, engenhoso, inventivo, governado pelas leis, usa roupas apertados (Munanga, 2004).

Centenas de anos depois, o ramo da Genética Humana apontou que a existência de raças diferentes entre os seres humanos não tem validade científica. Referência internacional no tema, o médico brasileiro Sérgio Danilo Junho Pena (2005) recomenda que o conceito seja banido pela Medicina. Entre as razões, o geneticista demonstra que a ancestralidade de cada indivíduo tem uma correlação extremamente baixa com características físicas do mesmo, como a cor da pele.

Diferentes raças, portanto, não existem cientificamente, mas foram inventadas. É preciso entender esta concepção como um fenômeno social, resultado de uma construção histórica que serve para moldar e fortalecer padrões de poder e privilégio na população. O jurista, professor e ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, Silvio Almeida (2018, p. 19), elucida sobre o tema:

Raça não é um termo fixo, estático. Seu sentido está inevitavelmente atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado. Por trás da raça sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito relacional e histórico. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.

A complexidade do termo "raça" também é refletida no campo dos levantamentos de dados demográficos. Autores defendem que a categorização racial em censos e pesquisas – tais quais os realizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – é fundamental para detalhar indicadores da população e monitorar desigualdades. No entanto, esta simplificação pode estimular estereótipos e, conseqüentemente, aumentar os preconceitos ligados à raça ou à cor da pele.

De acordo com Adilson Moreira (2019), quando o grupo racial dominante estabelece, intencionalmente, que as minorias possuem características físicas e morais específicas, ajuda a legitimar o sistema de dominação e controle das oportunidades sociais. Assim, a sensação de superioridade por parte dos integrantes do grupo dominante dá respaldo às ações de discriminação ao grupo dominado, tornando as relações e a vivência cada vez mais desiguais.

Neste sentido, antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga (2004) traça a base da ideologia racista:

[...] uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. O racista cria a raça no sentido sociológico, ou seja, a raça no imaginário do racista não é exclusivamente um grupo definido pelos traços físicos. A raça na cabeça dele é um grupo social com traços culturais, linguísticos, religiosos, etc. que ele considera naturalmente inferiores ao grupo ao qual ele pertence.

Depois de explorar as faces destinadas ao conceito de raça e suas respectivas dimensões dadas ao longo do tempo, é essencial aprofundar a definição de racismo para compreendê-lo enquanto uma estrutura de poder que implementa mecanismos para perpetuar desigualdades. Embora a palavra “racismo” tenha surgido na década de 1920 (Munanga, 2004), manifestações racistas já permeavam a sociedade séculos antes.

Silvio Almeida (2018) também explica que o racismo difere de discriminação e preconceito racial, conceitos também associados à raça. De acordo com o professor, "o preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertençam a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias".

A discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados. Portanto, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por conta da raça (Almeida, 2018, p. 25).

As discriminações raciais podem ser diretas ou indiretas. A discriminação direta é intencional, quando uma ação é realizada para, de fato, oprimir determinado indivíduo ou grupo de condição racial distinta (Almeida, 2019). Países que proíbem a entrada de negros, por exemplo, cometem esse tipo de discriminação. Por outro lado, a forma indireta é velada, pois acontece quando diferenças sociais significativas são ignoradas, sob a justificativa de que todos somos iguais.

Em sua análise crítica, Almeida (2018, p. 25) define o termo "racismo":

[...] é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes

ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Em relação à etimologia da palavra, o sufixo "ismo" é definido como "conjunto de ideias, teorias, doutrinas, princípios ou correntes" (Michaelis On-line, 2024). O significado evidencia ainda mais que o racismo é um fenômeno complexo que precisa ser analisado como um sistema de opressão de direitos enraizado na sociedade e que não se limita a atitudes individuais e isoladas.

Por outro lado, o campo da Sociologia, em sua maioria, contesta a etimologia do conceito biológico de "raça", fundamentado em diferenças genéticas na aparência física, especialmente na cor da pele. O grupamento, portanto, não teria significado em virtude do vasto número de interações ao longo da história que moldou a diversidade da população humana.

Ao invés disso, o consenso é que a raça existe como um conjunto socialmente construído de categorias, usadas sobretudo como fundamento para a desigualdade e a opressão social. Distinções como "branco" e "negro" pouca base têm em diferenças genéticas cientificamente identificáveis, embora possuam grande importância nas percepções, avaliações e comportamento de indivíduos em relação a outros (Johnson, 1997, p. 188)

Segundo Munanga (2004), o pensamento racista considera que as características físicas ou biológicas de um grupo determinam os traços intelectuais e morais do mesmo. Ou seja, o negro, por ser negro, é considerado inferior ao branco nestes aspectos, apenas devido à diferença na pigmentação da pele, ligada à quantidade de melanina produzida.

Dentro de sua complexidade, o racismo é dinâmico e pode ser observado em diferentes ocasiões e contextos. Nessa linha, Almeida (2018) aprofunda três concepções do termo: individualista, institucional e estrutural. Embora parte dos autores não identifique distinção, a separação entre institucional e estrutural não é alegórica. Ela denota diferentes facetas do racismo, cada qual com suas implicações analíticas e políticas (Almeida, 2019).

Para tal, Silvio Almeida (2018) relaciona o racismo com três critérios: subjetividade, Estado e economia. A concepção individualista é limitada à ideia de preconceito e discriminação, pois não enxerga o sistema de opressão racial socialmente construído. Sob a perspectiva institucional, o racismo passa a ser

coletivo: em suma, é consequência direta do funcionamento das instituições que concedem privilégios a determinados grupos.

Por fim, a abordagem estrutural do termo, que representou um grande avanço no debate sobre questões raciais. A dimensão considera as construções anteriores, mas define o racismo como elemento fundamental das relações sociais. De acordo com essa visão, diversas esferas da sociedade, como economia, direito e política, são regidas por esse pensamento. Almeida defende que somente esta concepção é capaz de explicar o racismo em sua complexidade:

[...] o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (Almeida, 2018, p. 15).

A compreensão das nuances do racismo é crucial para reconhecer a profundidade do tema. Conforme a filósofa brasileira Djamila Ribeiro (2019, p. 17), "o sistema racista está em constante processo de atualização e, portanto, deve-se entender seu funcionamento". A identificação das diversas manifestações deste fenômeno social é o primeiro passo para combatê-lo de forma mais eficaz em todos os setores da sociedade, promovendo igualdade e justiça, mas ainda há muito caminho pela frente.

2.2 COLONIALISMO E CONTEXTOS

Para entender os motivos que levaram à concepção estrutural do racismo e ao cenário atual, resalta-se a importância de mergulhar no contexto histórico responsável por solidificar esta noção do termo: o colonialismo. Em meados do século XVI, países da Europa estabeleceram colônias em distintos continentes em busca de recursos naturais e força de trabalho.

Como legado, a dominação política, econômica e cultural causada pelo colonialismo moldou relações globais, baseadas em opressão, exploração e conflito, que contribuíram para a desigualdade em todo o planeta Terra. Uma das principais justificativas para promover a destruição identitária de povos na África,

nas Américas, na Ásia e na Oceania foi, justamente, a diferença de condição racial – um processo de desumanização.

[...] a raça emerge como um conceito central para que a aparente contradição entre a universalidade da razão e o ciclo de morte e destruição do colonialismo e da escravidão possam operar simultaneamente como fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea (Almeida, 2018, p. 22).

Frantz Fanon (1968, p. 46) afirma que "o colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado bruto". A colonização, portanto, nega a essência e os valores dos colonizados e constroi estereótipos presentes de maneira estruturada na sociedade nos dias atuais. O pensamento colonialista estabelece que o homem negro é diferente e inferior ao ser humano, que é branco.

“Olhe, um preto!” Era um *stimulus* externo, me futucando quando eu passava. Eu esboçava um sorriso.

“Olhe, um preto!” É verdade, eu me divertia.

“Olhe, um preto!” O círculo fechava-se pouco a pouco. Eu me divertia abertamente.

“Mamãe, olhe o preto, estou com medo!” Medo! Medo! E começavam a me temer. Quis gargalhar até sufocar, mas isso tornou-se impossível.

Eu não agüentava mais, já sabia que existiam lendas, histórias, a história e, sobretudo, a *historicidade* que Jaspers havia me ensinado. Então o esquema corporal, atacado em vários pontos, desmoronou, cedendo lugar a um esquema epidérmico racial. No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares.* Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desaparecia. A náusea... (Fanon, 2008, p. 105).

Ribeiro (2019) defende que a relação com a escravidão seja o primeiro passo do debate estrutural acerca do racismo. O tratamento da pessoa negra como mercadoria impediu o acesso a direitos fundamentais por séculos e a abolição da escravatura não foi suficiente para corrigir os erros cometidos no passado. A realidade do negro pouco mudou:

Assim entre as classe sociais que formam o Brasil moderno, foi a "rale de novos escravos" que somam ainda hoje em dia, mais de um terço da população, agora de todas as cores de pele, mas herdando o desprezo social de todos que era devotado ao escravo negro [...] O Brasil passou de um mercado de trabalho escravocrata para um formalmente livre, mas manteve todas as virtualidades do escravismo na nova situação (Souza, 2019, p. 108).

A hegemonia branca e europeia nos cenários de domínio sobre determinados grupos raciais pode ser classificada como branquitude. A construção histórica da categorização racial – feita por brancos – impôs uma verdade única aliada ao eurocentrismo. Lia Schucman (2014, p. 84) aprofunda:

A branquitude é entendida como uma posição em que sujeitos que ocupam esta posição foram sistematicamente privilegiados no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e pelo imperialismo, e que se mantêm e são preservados na contemporaneidade. Portanto, para se entender a branquitude é importante entender de que forma se constroem as estruturas de poder concretas em que as desigualdades raciais se ancoram.

No cenário da colonização, Brasil e Espanha não estavam do mesmo lado do tabuleiro. O Brasil foi vítima do colonialismo mais especificamente desde a chegada das caravelas portuguesas em 1500. O Brasil Colônia (1530-1822) ficou marcado pela exploração de pau-brasil, cana-de-açúcar e ouro, além da opressão e escravidão dos povos negros africanos e indígenas nativos. O período deixou como herança várias desigualdades sociais, econômicas e raciais no território brasileiro. O país foi o último do Ocidente a abolir a escravatura, em 1888.

Segundo o Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023)², o Brasil possui 45,3% de seu povo declarado pardo – equivalente a cerca de 112,7 milhões de pessoas – e 10,2% preto. Ou seja, a população negra, composta pelas duas categorias, é maioria no país. O total de residentes é de aproximadamente 203,1 milhões. Já os habitantes que se declaram brancos representam 43,5% – em torno de 88,3 milhões. Os indígenas somam 0,6%; os amarelos, 0,4%.

² IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

O território brasileiro tem uma das maiores diversidades étnicas do mundo. O fato é consequência de uma interação histórica e complexa entre grupos étnicos distintos: colonizadores europeus brancos; africanos escravizados; indígenas nativos; e imigrantes predominantemente europeus, asiáticos e do Oriente Médio. A miscigenação gerou a atual e ampla variedade de características físicas (tons de pele, traços faciais, etc.) e culturais, espalhadas por todos os cantos.

É fundamental compreender que esta interação entre povos muitas vezes foi forçada, como no período colonial. Na época, o intuito era de "clarear" o Brasil, associado ao pensamento de superioridade da "raça" branca e europeia dos colonizadores. Romantizar a miscigenação ignorando o que está por trás dela é agir de acordo com o mito da democracia racial, criado por sociólogos da elite no século XX.

Segundo autores, os conflitos raciais foram superados por uma suposta convivência pacífica entre negros e brancos, criando a "brasilidade". Djamilia Ribeiro (2019, p. 20) alerta contra essa ideologia que naturaliza a miscigenação, "pois romantiza as violências sofridas pela população negra ao escamotear a hierarquia racial com uma falsa ideia de harmonia".

A afirmação de Silvio Almeida (2018, p. 140) vai ao encontro à ideia:

[...] é fundamental que se entenda que a democracia racial não se refere apenas a questões de ordem moral. Trata-se de um esquema muito mais complexo, que envolve a reorganização de estratégias de dominação política, econômica e *racial* adaptadas a circunstâncias históricas específicas.

Diante disso, conclui-se que o mito da democracia racial é um empecilho na busca pela igualdade entre os diferentes povos. Neste sentido, a proporção de pardos e pretos apresentada pelo Censo de 2022 do IBGE (2023) apenas expõe a realidade e a diversidade brasileira de maneira quantitativa a partir da autodeclaração e da autoimagem, mas não traduz as dificuldades proporcionadas pelo racismo estrutural e enfrentadas por estes grupos.

Os dados do estudo *Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil* (2022)³, também do IBGE, aprofundam este tema. O levantamento mostra que, em

³ IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 12 abr. 2024.

2021, a taxa de desemprego e a informalidade eram maiores entre pretos e pardos em comparação com brancos. Já o rendimento médio dos trabalhadores brancos – cerca de R\$ 3 mil – era mais de dois terços acima do recebido, em média, por pretos e pardos, aproximadamente R\$ 1,7 mil.

Quanto aos cargos de liderança, um dado alarmante: por mais que negros correspondam a 53,8% dos trabalhadores brasileiros, menos de um terço (29,5%) destas cadeiras eram ocupadas pelo grupo nas empresas. Os brancos, por outro lado, eram responsáveis por uma parcela de 69%. Djamila Ribeiro (2019) cita que a supremacia do homem branco nos espaços de poder não é um lugar natural, mas construído pelo processo histórico da escravização.

A ausência ou a baixa incidência de pessoas negras em espaços de poder não costuma causar incômodo ou surpresa em pessoas brancas. Para desnaturalizar isso, *todos* devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência, autores negros em antologias, pensadores negros na bibliografia de cursos universitários, protagonistas negros no audiovisual (Ribeiro, 2019, p. 31-32).

Junto de Portugal, Inglaterra, Holanda e outros países, a Espanha foi protagonista no processo de expansão territorial e opressão de povos explorados durante séculos de colonialismo. O império espanhol colonizou muitas terras na América, incluindo México, Colômbia, Chile e Argentina, além de explorações na Ásia e Oceania. Neste caso, o caráter colonizador justifica o cenário etnográfico da Espanha.

Um levantamento realizado pelo Observatório Espanhol do Racismo e da Xenofobia (2020)⁴, em parceria com a Universidade Complutense de Madri, apontou que cerca de 700 mil residentes do país são negros. A parcela corresponde a aproximadamente 1,5% da população total, em torno de 47,3

⁴ OBERAXE – OBSERVATÓRIO ESPANHOL DO RACISMO E DA XENOFOBIA. **Estudo para o conhecimento e a caracterização da comunidade africana e afrodescendente.** Madrid: OBERAXE, 2020. Disponível em: https://www.inclusion.gob.es/oberaxe/ficheros/documentos/PDF-16-Estudio-para-el-conocimiento-de-la-C-Africana.-ACC_ARN_13.11.20.pdf. Acesso em: 12 abr. 2024.

milhões em 2020, segundo o Our World in Data⁵ – número extremamente baixo quando comparado ao contexto brasileiro.

A ocupação do território espanhol por estrangeiros também é um elemento fundamental para a compreensão da etnografia da Espanha. O Censo Populacional do Instituto Nacional de Estatística (2024)⁶ demonstra que 13,3% dos residentes têm nacionalidade estrangeira – aproximadamente 6,5 milhões de pessoas. Para efeitos de comparação, os estrangeiros representam em torno de 0,7% da população total do Brasil – 1,5 milhão em 2023, segundo estimativa da Câmara dos Deputados⁷.

Ao analisar o percentual de estrangeiros residentes na Espanha que nasceram no exterior, a fatia sobe para 18%. Por isso, a população não-branca vem aumentando no país, mas muitos imigrantes enfrentam discriminação sistemática no território espanhol. Diante deste cenário, o presidente do Conselho para Eliminação da Discriminação Racial ou Étnica do Ministério da Igualdade espanhol, Antumi Toasijé, explica ao jornalista Rodrigo Oliveira (2023)⁸ que a esmagadora maioria branca busca manter a branquitude por meio de apoio a políticas ultradireitistas de opressão às minorias. Estas medidas trazem, no pensamento racista, segurança e ordem ao país – e sua estrutura consolidada.

Nas análises sobre discursos políticos, debates parlamentares, políticas sociais e práticas profissionais, é evidente que, enquanto oficialmente o racismo é rejeitado, os discursos das elites cada vez mais representam os imigrantes, minorias e refugiados como uma ameaça ao estado de bem-estar, à cultura ocidental e, claro, à nossa dominação econômica, política e social. Os meios de

⁵ OUR WORLD IN DATA. **População da Espanha**. Oxford: Our World in Data, 2020.

Disponível em:

<https://ourworldindata.org/grapher/population-unwpp?time=earliest..2020&country=~ESP>.

Acesso em: 13 abr. 2024.

⁶ INE – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Estatística contínua da população**.

Madrid: INE, 2024. Disponível em: <https://www.ine.es/uc/MLJdDz0si1>. Acesso em: 13 abr. 2024.

⁷ CANUTO, Luiz Cláudio. **Debatedores apontam desafios de trabalhadores imigrantes e refugiados no Brasil**. Câmara de Notícias, Brasília, 31 ago. 2023. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/993591-debatedores-apontam-desafios-de-trabalhadores-imigrantes-e-refugiados-no-brasil/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

⁸ OLIVEIRA, Rodrigo. **"A Espanha inventou o racismo", diz presidente de Conselho para Eliminação da Discriminação Racial do país**. GZH, Porto Alegre, 16 jun. 2023.

Disponível em:

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2023/06/a-espanha-inventou-o-racismo-diz-presidente-de-conselho-para-eliminacao-da-discriminacao-racial-do-pais-cliyizuf1001i0151py1ff5y6.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

comunicação tendem a reforçar esses discursos (Aguilar-Idáñez, 2011, 144, tradução nossa).

Em entrevista ao jornalista Rodrigo Oliveira (2023), Toasijé diz que, tendo em vista a construção histórica com base na antiafricanidade, a Espanha "é provavelmente a nação que inventou o racismo como o conhecemos", com "raças" superiores e inferiores:

Ela participou desta criação através de um aparato ideológico conhecido como "purificação do sangue". Então a Espanha estabeleceu a ideia do sangue limpo, a ideia de que certos grupos humanos têm sangue sujo. Essa ideia foi estabelecida a partir do século XV, e essa percepção foi se expandindo. Era uma percepção que ia na contramão das ideias que existiam naquela época. No mundo cristão daquela época não se pensava assim, mas a Espanha começou a criar essa ideia, e esta ideia foi levada às Américas e ao resto do mundo. Então, a Espanha tem um papel central na criação do racismo (Oliveira, 2023).

O historiador afirma a Rodrigo Oliveira (2023) que o passado colonizador e escravocrata faz com que os espanhóis neguem a existência da prática de racismo. A Espanha sempre buscou negar sistematicamente a responsabilidade no processo de colonização, enquanto países como França, Inglaterra e Alemanha têm confrontado mais abertamente as questões ligadas ao racismo, à discriminação e ao preconceito racial. Ações como estas dificultam o combate ao complexo fenômeno e ajudam a compreender a conjuntura atual.

2.3 RACISMO E FUTEBOL

Embora tenha práticas similares registradas séculos antes ao redor do mundo, o futebol como é conhecido hoje teve sua origem no século XIX em terras inglesas. Em tempos de Revolução Industrial, o esporte começou a aparecer principalmente nas universidades e escolas públicas da Inglaterra, "simultâneo à urbanização veloz das cidades, à expansão fabril e, portanto, ao surgimento dos próprios operários" (Stédile, 2013, p. 15-16).

O futebol somente se desenvolveu e se tornou global com a presença dos primeiros cartolas. Em 1863, representantes de times da época se reuniram para elaborar as primeiras regras formais da prática – que, claro, eram diferentes das

atuais. Segundo Gustavo Poli e Lédio Carmona (2009), os dirigentes das equipes acreditavam que unificar e manter as regras do esporte eram cruciais para sua profissionalização e evolução. Dessa forma, foi criada a Associação Inglesa de Futebol (Football Association), a primeira organização responsável pela gestão do futebol, em Londres.

Nesse mesmo período da revolução industrial, o operariado passa a ter grande relevância como classe social e o futebol era uma forma de recreação que reduzia as preocupações dos industriais com possíveis greves dos trabalhadores. Como as escolas oficiais inglesas começavam a ser freqüentadas por meninos de uma classe média em ascensão, os nobres de verdade se misturando com os que tinham dinheiro para comprar nobreza, o pedagogo previu que idéias novas, reformistas, revolucionárias mesmo, poderiam contaminar os futuros homens do Império britânico (Máximo, 1999, p. 180 *apud* Santos, 2015, p. 20).

Além da expansão do Império Britânico, a unificação das regras e a popularização impulsionaram o esporte, que se espalhou rapidamente pelo país e pelo mundo. Mais de duas décadas depois da criação da FA, o primeiro jogador negro da história do futebol profissional, Arthur Wharton, estreava num momento em que os gramados ainda eram dominados pela aristocracia branca.

Wharton nasceu em Gana – colônia britânica até então – em 1865 e mudou-se ainda adolescente para a Inglaterra. Chamou a atenção nas escolas pela velocidade nas provas de atletismo e foi convidado para atuar como goleiro em equipes de futebol. O primeiro contrato como profissional aconteceu quando atuava pelo Rotherham Town, em 1889, feito inédito para um negro no esporte. No entanto, Arthur Wharton não conseguiu jogar na seleção inglesa por conta da barreira do racismo.

Sua história ficou relativamente esquecida até os anos 1990, quando uma campanha antirracismo no futebol tratou de restaurar seu nome e legado. Em 2003, ele entrou para o Hall da Fama do Futebol Inglês. E, já nesta década, Wharton foi homenageado com duas estátuas: um pequeno busto na sede da Fifa, em Zurique (Suíça), e a grande estátua em local de destaque no CT da seleção inglesa, que ele jamais teve a chance de defender (Reis, 2020).

No Brasil, várias teorias existem em relação à introdução da maior paixão popular do país. A maioria dos autores compreendem que o futebol foi trazido por Charles Miller, filho de pai inglês e mãe brasileira, em São Paulo no ano de 1894 (Poli e Carmona, 2009). O jovem havia estudado na Inglaterra e apresentou o esporte aos brasileiros na volta à terra natal.

Anos depois, os clubes passariam a ser fundados. O pioneiro é o Sport Club Rio Grande, com criação no dia 19 de julho de 1900. Como Miller era membro da alta classe paulistana, inicialmente disseminou o futebol entre os ricos e milionários. Foi a simplicidade das regras que facilitou sua prática entre as classes mais baixas, massificando e democratizando o esporte.

O racismo no futebol brasileiro é complexo e reflete as segregações raciais e sociais que estão enraizadas na história do Brasil. Os casos de racismo, sejam individualizados ou estruturais, seguem sendo observados dentro das quatro linhas. Um dos primeiros casos mais emblemáticos e documentados ligados a esse fenômeno ocorreu em 1923. De origem popular, o clube Vasco da Gama havia sido campeão estadual no Rio de Janeiro com jogadores negros, operários, da periferia.

A conquista do time apelidado de "Camisas Negras" incomodou as demais equipes cariocas, que se desligaram da Liga organizadora do torneio e decidiram fundar a Associação Metropolitana de Esportes Atlético (AMEA) em 1924. A entidade ficaria responsável por estabelecer uma nova liga com normas racistas e discriminatórias. O objetivo era proibir a participação de negros e pobres nos campeonatos do Rio de Janeiro, justamente os destaques do Vasco.

Como resposta, o clube recusou o convite para participar da competição, defendendo os jogadores e a dignidade. O fato, conhecido como "Resposta Histórica", é um marco na luta antirracista dentro do futebol mundial. Segundo o jornalista e cronista esportivo Mário Rodrigues Filho (2003, p. 126), representava uma realidade que não era aceita no Brasil:

A ilusão durou pouco, os clubes finos da sociedade, como se dizia, estavam diante de um fato consumado. Não se ganharia campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família, de ser estudante, de ser branco. O rapaz de boa família, o estudante, o branco, tinha de competir em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira

revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual seria a reação dos grandes clubes.

A popularização do futebol possibilitou que negros pudessem se envolver em uma atividade que poderia oferecer renda. Poucas décadas após a abolição da escravidão, encontrar emprego era ainda mais difícil na época para os negros, que sempre estiveram marginalizados. De acordo com o sociólogo Gilberto Freyre (2003, p. 25), a ascensão social do negro estava diretamente ligada ao sucesso no esporte:

Sublimado tanto do que é mais primitivo, mais jovem, mais elementar, em nossa cultura, era natural que o futebol, no Brasil, ao engrandecer-se em instituição nacional, engrandecesse também o negro, o descendente de negro, o mulato, o cafuzo, o mestiço. Entre os meios mais recentes – isto é, dos últimos vinte ou trinta anos – de ascensão social do negro ou do mulato ou do cafuzo no Brasil, nenhum excede, em importância, ao futebol.

Com o passar das décadas, atletas negros tornaram-se cada vez mais protagonistas do futebol no Brasil, liderando as equipes para as suas conquistas. Craques como Leônidas da Silva, Didi, Garrincha e, sobretudo, Pelé surgiram como grandes estrelas globais e desafiaram estereótipos. Entretanto, também eram os primeiros a servirem de bode expiatório nas derrotas.

Outro momento que demonstra o racismo enraizado no futebol do país foi o vice-campeonato da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1950, sediada no próprio Brasil. Após a derrota por 2 a 1 para o Uruguai no conhecido "Maracanazo", os torcedores apontaram três culpados pela perda da taça. Os escolhidos foram o goleiro Barbosa, o zagueiro Juvenal e o lateral-esquerdo Bigode, os negros do time⁹.

Até os dias atuais, o racismo estrutural seguiu apresentando barreiras aos jogadores e demais figuras envolvidas no cenário futebolístico. Legislações que visam combater o racismo foram criadas. Avanços aconteceram, mas não há o que se comemorar. Afinal, as punições foram rigidamente aplicadas na minoria dos

⁹ PIRES, Breiller. **Condenados pelo Maracanazo, absolvidos pela história**. El País, São Paulo, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-07-16/condenados-pelo-maracanazo-absolvidos-pela-historia.html>. Acesso em: 18 abr. 2024.

casos, normalizando as atitudes racistas e não dando um exemplo claro de que esse tipo de conduta é inaceitável.

A nona edição do Relatório da Discriminação Racial no Futebol (2023)¹⁰, levantado pelo Observatório Racial do Futebol, apontou que o número de ocorrências de racismo cresceu 40% no Brasil em 2022 – 90 situações – em comparação com 2021 (64). Entre os motivos, estão o aumento da luta antirracista e da conscientização da realização da denúncia.

Do outro lado do Oceano Atlântico, o futebol chegou às terras espanholas nas últimas décadas do século XIX. A versão mais forte indica que o esporte teve sua origem nas minas de cobre do Rio Tinto, localizado na cidade de Huelva, na região da Andaluzia, no sul da Espanha. Mineiros e trabalhadores britânicos aproveitavam o tempo livre para praticá-lo.

Assim como no Brasil, o futebol rapidamente se espalhou pelos cantos do país. O clube pioneiro no país é o Recreativo Huelva, fundado no dia 23 de dezembro de 1889. Daí surgiram novos jogos locais e, conseqüentemente, a criação de equipes. O esporte era inicialmente praticado principalmente por estrangeiros e espanhóis de classes sociais mais altas, mas logo se popularizou entre todas as camadas da sociedade.

Uma atividade de lazer exclusiva de uma reduzida elite social, até se transformar num autêntico fenômeno de massa a partir da segunda metade da década de 1920, quando se inserirá em um contexto caracterizado pela nova mercantilização do lazer (Sanjurjo, 2011, p. 2, tradução nossa).

Não há registros de atos racistas nos primeiros anos de futebol espanhol, desde a origem com a chegada dos ingleses até a profissionalização do esporte na Espanha. No entanto, a história pode ajudar a explicar os motivos dessa ausência de racismo nos gramados. Os incidentes racistas vão aparecendo de maneira parela à inserção de jogadores estrangeiros e negros.

¹⁰ CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2022**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, 2023. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2022/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RA_CIAL_2022.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

Com a criação da LaLiga – competição nacional – em 1928, os estrangeiros foram proibidos de jogar, com exceção dos atletas que já haviam atuado em torneios regionais ou na Copa da Espanha (Moya, 2011). Três anos depois, surgem os dois primeiros atletas negros do futebol espanhol: Fausto Dos Santos, apelidado de "Maravilha Negra", e Jaguaré Bezerra, ambos brasileiros que atuavam pelo Vasco da Gama.

Segundo Moya (2011), Fausto e Jaguaré, no entanto, não jogaram partidas oficiais no campeonato espanhol, apenas amistosos, sob a justificativa da proibição de contratar estrangeiros. Os dois receberam críticas ofensivas da imprensa. Atualmente, Vinicius Junior ser alvo de racismo atuando pelo Real Madrid é um reflexo da origem da relação entre Espanha e Brasil no futebol.

Durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e os primeiros anos do regime do ditador Francisco Franco, o futebol espanhol seguia não permitindo negros. O período foi marcado pelo ápice da violência e racismo estrutural no país, com um governo totalitário e repressivo.

A estreia de um jogador negro numa partida em competições oficiais da Espanha só foi acontecer em 1942¹¹. Filho de pai cubano e mãe espanhola, Francisco Betancourt atuou pelo Barcelona por duas temporadas – 1942/43 e 1943/44. Por sua vez, o primeiro estrangeiro negro a jogar oficialmente na liga espanhola foi o brasileiro Lucio Baptista Da Silva em 1947, também contratado pelo clube catalão, quase vinte anos depois da primeira edição do torneio.

Anos depois, ocorreu o primeiro caso de racismo documentado nas quatro linhas da Espanha¹². O marroquino Larbi Ben Barek, conhecido como "Pérola Negra" e considerado um dos melhores jogadores da história do futebol no país, foi vítima de racismo, em 1951, após marcar o gol que daria o título de campeão nacional ao Atlético de Madrid, numa partida fora de casa.

O Atlético de Madrid conquistou seu quarto título da liga espanhola na última rodada, depois de empatar com o Sevilla. Era 22 de abril

¹¹ RELAÑO, Alfredo. **De Betancourt a Vinicius, una persecución que empezó en los noventa**. El País, Madrid, 28 mai. 2023. Disponível em: <https://elpais.com/deportes/2023-05-28/de-betancourt-a-vinicius-una-persecucion-que-empezo-en-los-noventa.html>. Acesso em: 21 abr. 2024.

¹² GRASSO, Daniele; ANDRINO, Borja. **El racismo en 34.000 actas arbitrales: 68 partidos de fútbol con insultos xenófobos**. El País, Madrid, 20 dez. 2019. Disponível em: https://elpais.com/deportes/2019/12/20/actualidad/1576856967_190133.html. Acesso em: 21 abr. 2024.

de 1951 e Ben Barek, jogador marroquino, marcou o gol do 1-1. O escritor Gonzalo Suárez, que estava presente como cronista, conta que, após a partida, um torcedor do Sevilla arremessou um tijolo em Ben Barek. O atacante correu atrás do torcedor, o alcançou e o entregou a dois guardas civis que assistiam à cena sem intervir. Ao sair, o torcedor gritou: "Não volte a Sevilla, negro de merda, porque vamos te matar!" (Grasso; Andrino, 2019).

A partir da década de 1950, a presença de negros foi se tornando cada vez mais constante, embora de forma lenta, enfrentando muitas barreiras impostas pelo nacionalismo e racismo estrutural presentes no país. O clube Athletic Bilbao, um dos mais expressivos e tradicionais da Espanha, foi escalar um jogador negro pela primeira vez em 2011, com 113 anos de história¹³.

O aumento significativo de negros nas equipes da Espanha aconteceu em 1995, depois da implementação da Lei Bosman no Velho Continente. A legislação foi responsável pela abertura do mercado europeu a atletas de todos os continentes – gerando uma chegada expressiva, principalmente, de africanos e sul-americanos. O crescimento de jogadores estrangeiros está diretamente conectado aos casos de racismo.

Na década de 1990, um caso marcante ocorreu com o goleiro nigeriano Wilfred Agbonavbare, vítima de racismo enquanto jogava pelo Rayo Vallecano¹⁴. A torcida do próprio Real Madrid, que está, em sua maioria, ao lado de Vinicius Júnior, gritou "Ku Klux Klan"¹⁵ e outros insultos racistas ao atleta após Wilfred defender um pênalti contra os merengues no estádio Santiago Bernabéu. Já no século XXI, o camaronês Samuel Eto'o ameaçou sair de campo numa partida do seu time Barcelona contra o Zaragoza depois de sofrer atos racistas. Nos últimos anos, o alvo da vez dos racistas é Vini Jr.

¹³ GE.GLOBO. **Bilbao escala jogador negro pela primeira vez em 113 anos de história**. Ge.globo, Sevilla, 20 nov. 2011. Disponível em: <https://glo.bo/v91wno>. Acesso em: 21. abr. 2024.

¹⁴ PIRES, Breiller. **Goleiro negro virou símbolo da torcida antirracista do Rayo Vallecano**. El País, São Paulo, 21 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/18/deportes/1574039533_904366.html. Acesso em: 22 abr. 2024.

¹⁵ Ku Klux Klan (KKK) é uma organização racista fundada na região sul dos Estados Unidos no século XIX, que emergiu atacando negros, judeus e os novos imigrantes. De supremacia branca, promovia — e ainda promove — atos terroristas.

3 JORNALISMO: IMPRESSO E ESPORTIVO

Neste capítulo, é apresentada a relação que o jornalismo possui com a democracia e os princípios éticos que deve seguir para entregar conteúdos informativos qualificados, contribuindo para uma sociedade mais justa. Elemento da análise, o formato impresso da prática jornalística é aprofundado, dissecando as características, o cenário atual e a credibilidade histórica do meio de comunicação de massa. Por fim, acerca-se da editoria de esportes, responsável por comunicar a respeito de partidas e competições, mas também por trazer questões sociais, políticas e econômicas para a pauta – o que, muitas vezes, deixa a desejar.

3.1 JORNALISMO, ÉTICA E DEMOCRACIA

O jornalismo é uma atividade profissional voltada à coleta, edição e disseminação de informações por meio de diversos meios de comunicação, tais como jornais, rádio, televisão e internet, entre outros. De acordo com o professor norte-americano Nelson Traquina (2005, p. 29), "os profissionais do campo jornalístico definem em última análise para nós as notícias e contribuem ativamente na construção da realidade".

A prática jornalística é um dos pilares fundamentais de uma sociedade democrática, uma vez que desempenha um papel essencial na curadoria e no tratamento das informações necessárias para a formação da opinião pública e o desenvolvimento da cidadania. Eugênio Bucci aprofunda o tema na obra "Sobre Ética e Imprensa", defendendo que o jornalismo somente tem sentido num cenário democrático, plural e que respeite os direitos humanos:

O efeito político do bom jornalismo é o fortalecimento da democracia: esta é a sua causa nobre. Por isso o jornalismo é, ou deve ser, ou deve-se esperar que seja, um fator de educação permanente do público – um fator de combate aos preconceitos, sejam eles quais forem (Bucci, 2000, p. 49).

Neste contexto, cabe ao jornalista assumir papel de oposição ao arbítrio, autoritarismo e opressão, enquanto defende os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, tais como igualdade, dignidade e justiça. O jornalismo deve expor e condenar práticas discriminatórias, como o racismo,

promovendo a conscientização pública sobre o assunto trazido e fomentando o debate necessário para ajudar a combatê-lo. Além disso, o compromisso com os direitos humanos também está presente na Declaração dos Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo¹⁶.

Rogério Christofolletti (2008) afirma que a mídia se faz presente na vida de todos, pois, em maioria, é ela quem estabelece o que é ou não é verdade, é por ela que os fatos chegam à população. Portanto, é preciso estabelecer limites para que a atividade jornalística seja séria e responsável com o que é transmitido. Para alcançar esse propósito, faz-se necessário que o jornalista adote alguns compromissos éticos e morais em sua prática profissional, garantindo a distinção entre o que é um fato relevante para a sociedade – ou parte dela – e o que é apenas uma história que desperta curiosidade.

Segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel em "Os Elementos do Jornalismo" (2004, p. 31), "a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar". Nesse sentido, os autores determinam que a atividade jornalística possui nove princípios básicos para sua existência.

O primeiro deles é a obrigação do jornalismo em trabalhar com a verdade dos fatos. No cenário atual no qual as informações são produzidas e distribuídas por várias frentes e de maneira abundante, o jornalista não tem mais poder sobre o que deve ser conhecido pelo público. Hoje, a busca pela verdade é um processo conjunto. Para Kovach e Rosenstiel, ele deve, portanto, ajudá-lo a se situar, checando a confiabilidade das informações e explicá-las da melhor forma possível para facilitar a compreensão dos leitores.

Na verdade é muito mais produtivo, e mais realista, entender a verdade jornalística como um processo – ou uma caminhada contínua na direção do entendimento – que começa com as primeiras matérias e vai se construindo ao longo do tempo (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 70).

¹⁶ UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Declaração dos Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo**. Paris: UNESCO, 1978. Disponível em: <https://www.unesco.org/en/legal-affairs/declaration-fundamental-principles-concerning-contribution-mass-media-strengthening-peace-and>. Acesso em: 28 abr. 2024.

O segundo compromisso dos jornalistas é ter noção para quem trabalham. Embora vinculados a empresas e suas determinadas regras, além dos próprios valores, os profissionais devem priorizar a lealdade com o público, os cidadãos. Um pré-requisito fundamental para a disseminação de notícias com convicção e apuração é "a noção de que os jornalistas não devem encontrar obstáculos na hora de cavar a informação e contá-la com veracidade" (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 83). Desta forma, é construída a credibilidade tanto da empresa jornalística quanto do profissional.

Como destaca Traquina (2005, p. 26), "os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade". Diante disso, ressalta-se a importância dos critérios de noticiabilidade na cultura jornalística para auxiliar os profissionais a distinguirem o que é noticiável ou não. Em contrapartida, por mais que seja sólido, o conceito não é imutável. Os critérios apresentam certas variações entre empresas ou profissionais, em razão do contexto social no qual estão inseridos. O jornalismo acompanha as mudanças históricas do seu público.

Os critérios de noticiabilidade geralmente incluem, sob a forma de uma lista, fatores como a oportunidade, a proximidade, a importância, o impacto ou a consequência, o interesse, o conflito ou a controvérsia, a negatividade, a frequência, a dramatização, a crise, o desvio, o sensacionalismo, a proeminência das pessoas envolvidas, a novidade, a excentricidade e a singularidade (Sousa, 1999).

O terceiro elemento, e não menos importante, é a constante verificação dos fatos. Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004) definem que este compromisso diferencia o jornalismo das outras áreas da comunicação, como o entretenimento e a publicidade. Em um mundo com a presença forte de desinformação, a isenção e o equilíbrio dos profissionais são recursos para se aproximar da verdade no que é noticiado.

Sobre este compromisso da atividade jornalística, também deve-se apresentar de maneira transparente o caminho feito para a verificação. A desinformação – brevemente, a disseminação de informações equivocadas ou falsas – pode arrancar ou, dependendo da gravidade, quase retirar por completo a credibilidade dos veículos de imprensa. "Mais do que confirmar a veracidade é

importante as suas consequências para o cenário político e moderar como isso afeta a vida cotidiana das pessoas" (Seabra, 2006, p. 199).

Ninguém precisa ter freqüentado aulas numa faculdade de comunicação social para intuir que ao jornalismo cabe perseguir a verdade dos fatos para bem informar o público, que o jornalismo cumpre uma função social antes de ser um negócio, que a objetividade e o equilíbrio são valores que alicerçam a boa reportagem (Bucci, 2000, p. 30).

Neste ponto, é fundamental trazer o conceito de reportagem para uma compreensão mais qualificada deste trabalho. Segundo Maria Helena Ferrari e Muniz Sodré (1986, p. 75), a reportagem é um gênero jornalístico, isto é, técnica específica de apresentar informações ou narrativas em jornalismo, que "amplia a cobertura de um fato, assunto ou personalidade, revestindo-os de intensidade, sem a brevidade da forma-notícia". A verificação dos fatos, portanto, é crucial para assegurar a integridade de uma reportagem.

[...] é a exposição que combina interesse do assunto com o maior número possível de dados, formando um todo compreensível e abrangente. Difere da notícia porque esta, sendo comumente rompimento ou mudança na ocorrência normal dos fatos, pressupõe apresentação bem mais sintética e fragmentária (Lage, 2001, p. 112-113).

Por sua vez, a importância da independência é percebida em dois elementos do jornalismo indicados por Kovach e Rosenstiel (2004). Um deles diz respeito à atuação do próprio jornalista, que deve exercer a profissão de maneira livre em relação à empresa para a qual trabalha – afinal, deve-se ter lealdade ao seu público. O outro fala sobre a atuação do jornalismo como monitor independente do poder. Isto é, a imprensa deve se sobressair a qualquer interesse particular e, assim, zelar pela transparência das ações do governo (poder público) ou de instituições poderosas da sociedade (privado).

Assim surge o conceito de jornalismo constituído como "Quarto Poder" da sociedade, responsável por investigar, questionar e informar o público sobre questões ligadas aos três poderes constituídos num Estado Democrático de Direito: Executivo, Legislativo e Judiciário. A legitimidade da imprensa está na atuação como agente fiscalizador deles, investigando e denunciando abusos, e defendendo o

público para qual trabalha, que representa uma parcela da população. A partir desta função, fica claro que o jornalismo é parcial, pois está de um lado e precisa tomar decisões (Christofoletti, 2008).

No livro "Elementos do Jornalismo" (2004), o sexto princípio diz que o jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o comentário público, por conta do seu papel crucial na democracia. É necessário que, no cotidiano, a atividade jornalística leve aos leitores temas variados que estimulam julgamentos, desde política até esporte – sempre levando em conta a busca pela aproximação da verdade e a checagem dos fatos.

À medida que essas vozes são ouvidas por aqueles que estão no poder, elas permitem entender a natureza da opinião pública em relação ao assunto em pauta. Esse é o processo que recria, todos os dias, nas sociedades modernas, os antigos fóruns nos quais as primeiras democracias do mundo se formaram (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 207).

O próximo elemento aborda o engajamento da audiência, o qual integra o compromisso estabelecido entre jornalistas e sociedade. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 226) estabelecem que "o primeiro desafio é encontrar a informação que as pessoas precisam para tocar suas vidas". Vivaldo Azevedo complementa em "Noções de jornalismo aplicado" (1979, p. 25):

Todo homem normal se interessa pela vida do outro, suas ambições e necessidades, para formar sua própria teoria e poder comparar-se, modernizando os conceitos sobre os mais diversos assuntos. Como indivíduo social, o homem gosta de transmitir suas mensagens e de receber de outras ideias os novos conhecimentos.

"O segundo desafio é tornar essa informação significativa, relevante e envolvente" (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 226). Nessa linha, o jornalismo não pode limitar-se ao que desperta interesse, mas sim concentrar-se no que é, de fato, importante para a manutenção da cidadania. Traquina (2005) explica que o movimento de jornalismo cívico busca, justamente, eliminar a ideia de que os leitores sejam meros espectadores dos fatos.

Essa apresentação das notícias deve ocorrer de forma compreensível e com a presença de diversas perspectivas, de acordo com o oitavo elemento exigido da imprensa (Kovach; Rosenstiel, 2004). O equilíbrio na escolha das fontes oferece ao

jornalista e, conseqüentemente, ao público uma visão mais abrangente do tema para, a partir disso, cada indivíduo desenvolver uma análise crítica mais aprofundada. Para Bucci (2000, p. 12), "no projeto da democracia, a imprensa deve informar a todos sem privilegiar os mais abastados, e também dar voz às diversas correntes de opinião".

Por fim, o nono e último princípio listado pela obra "Os Elementos do Jornalismo" trata do que acontece dentro de uma redação. Kovach e Rosenstiel defendem que todos os jornalistas têm uma obrigação com sua consciência pessoal e dos colegas de profissão, para que o fato, noticioso na origem, não caia no sensacionalismo:

Todos os jornalistas – da redação à sala da diretoria – devem ter um sentido pessoal de ética e responsabilidade – uma bússola moral. Mais ainda, eles têm uma responsabilidade de dar voz, bem alta, a sua consciência e permitir que outros ao seu redor façam a mesma coisa. (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 274).

O jornalismo tem a responsabilidade de ler e interpretar a realidade para a sociedade. Além da simples narrativa de fatos, os jornalistas devem ajudá-la a compreender o mundo ao seu redor. Por esse motivo, Christofletti (2008, p. 31) salienta que a imprensa "lida com reputações e honras pessoais, com o imaginário popular, com versões da história e com o próprio senso de verdade e realidade. A mídia contribui para o julgamento social de pessoas e organizações". Nesse sentido, é essencial exercer a profissão cientes do impacto que seus conteúdos podem ter na com a imagem presente ou futura dos envolvidos. O jornalismo ético e responsável contribui para uma sociedade mais justa, informada e democrática.

3.2 JORNALISMO IMPRESSO E CREDIBILIDADE

Diante dos compromissos éticos apresentados, verifica-se que o jornalismo, a partir da disseminação de notícias que influenciam na formação de opinião e no debate público, é uma instituição fundamental para o passado, o presente e o futuro da sociedade. As informações podem ser apresentadas pelos profissionais e consumidas pelo público de diversas maneiras – o avanço da tecnologia acelerou ainda mais esse processo. As tradicionais formas de comunicação em massa são radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo impresso, sendo este último o pioneiro.

O jornalismo impresso utiliza do texto, da escrita para disseminar informações à sociedade. Inclusive, a origem do jornalismo, tal como hoje conhecemos, está intrinsecamente relacionada à evolução e ao desenvolvimento da imprensa e do jornalismo de texto. Nesse contexto, o inventor alemão Johannes Gutenberg foi fundamental para a história da atividade jornalística com a criação da prensa no século XV. Com ela, livros, documentos e demais textos puderam ser produzidos em massa de maneira econômica e rápida. Essa invenção proporcionou os primeiros periódicos impressos.

Mais de um século depois da criação de Gutenberg, a imprensa periódica emergiu como uma plataforma notável de divulgação de uma variedade de conteúdos escritos informativos. As notícias assumiram uma função mercantil, produzidas e comercializadas por meio dos periódicos desde o século XVI. O jornalista Leandro Marshall (2003, p. 68) contextualiza a época:

A sociedade precisava de informações e as pedia. O novo mundo e seu modelo baseado em um vigoroso crescimento econômico exigiam que se espalhassem estruturas para a disseminação dos acontecimentos. A informação era um combustível vital para a engrenagem dessa nova sociedade. Assim, a invenção da imprensa periódica acabou se tornando uma questão de oportunidade.

O jornalismo impresso caracteriza-se, sobretudo, pela distribuição em formato físico, tendo o papel como principal material. O conteúdo informativo, portanto, pode ser consumido sem a dependência de dispositivos eletrônicos. Outra peculiaridade é a periodicidade, diferentemente de meios como o digital e o rádio, que apresentam atualizações mais frequentes ao longo de um dia. Geralmente, os jornais impressos são publicados continuamente entre intervalos diários – mais comum –, semanais ou mensais. Nesse sentido, Ricardo Noblat (2003) afirma que o jornal impresso deve concentrar-se na repercussão futura, reservando a instantaneidade para o rádio, a televisão e, mais recentemente, a internet.

Importante ressaltar o rigoroso processo de curadoria pelo qual passam as informações publicadas em um jornal. O maior tempo de preparação do conteúdo, em comparação com a rádio e a internet, por exemplo, possibilita aos jornalistas análises e contextualizações aprofundadas sobre os fatos narrados. As reportagens e outros gêneros jornalísticos mais detalhados garantem maior qualidade e confiabilidade das notícias e, conseqüentemente, uma compreensão completa por

parte do leitor. Essenciais para atrair o leitor com sua clareza e concisão, os títulos são outra característica dos jornais.

Ademais, o jornalismo de texto também oferece uma segmentação mais estruturada dos conteúdos. Os jornais impressos são divididos em editorias específicas, abrangendo temas como economia, política, cultura, segurança e esporte, dando ênfase maior às notícias locais, nacionais ou internacionais, dependendo do veículo. Existem periódicos que são focados numa editoria só, como o esportivo espanhol MARCA, que serão analisados por este trabalho. Isso permite uma organização mais clara dos assuntos, que possibilita ao leitor selecionar os tópicos de seu interesse para consumo, conforme as preferências particulares.

O jornalismo impresso foi a fonte exclusiva de informação da sociedade por muitos séculos. Novos meios de comunicação surgiram apenas a partir da invenção do rádio no final do século XIX – depois a televisão e, nas últimas décadas, o digital. Com o avanço da tecnologia, o formato vem sofrendo ameaças importantes nas últimas décadas. O consumo de informações tem mudado de maneira significativa com a popularização da internet, o que gerou certa migração do público para o imediatismo proporcionado pelos conteúdos digitais, a queda na circulação e na receita, entre outros. Isso fez com que muitos jornais precisassem se adaptar à internet e mudar seus modelos de negócios, como criação de assinaturas digitais.

O reflexo é apresentado em pesquisas sobre consumo informativo nos diversos meios de comunicação de massa. Um levantamento realizado pelo Poder360 com dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC)¹⁷ apontou que, no Brasil, o número total de jornais impressos de circulação diária apresentou uma queda de aproximadamente dois terços (-66,3%) entre os anos de 2017 e 2023. Foram considerados catorze jornais tradicionais, como Estadão, Folha de S. Paulo e Zero Hora. Cerca de 963 mil periódicos foram vendidos, em média, por dia em 2017, enquanto a venda girou em torno de 324 mil exemplares seis anos depois.

Em contrapartida, o cenário é extremamente favorável para o jornalismo impresso na Espanha. Comparando o mesmo período, aproximadamente 10,1 milhões de diários espanhóis foram vendidos, em média, numa amostra do primeiro

¹⁷ PODER360. **Com assinatura barata, jornais turbinam digital em 2023**. Brasília: PODER360, 2023. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/com-assinatura-barata-jornais-turbinam-digital-em-2023/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

trimestre de 2017, segundo dados do "Estudo Geral de Mídias"¹⁸ realizado pela Associação para Pesquisa de Meios de Comunicação (AIMC). No terceiro trimestre de 2023, foram contabilizados cerca de 5,7 milhões de impressos por dia. A queda de 43,6% também é significativa, embora consideravelmente menor que a brasileira, mas é necessário apontar outro fator: a população de cada país.

Como já citado neste trabalho, o Censo 2022 do IBGE aponta que o Brasil possui 203,1 milhões de habitantes, enquanto a Espanha registra 47 milhões – uma população notavelmente menor, que corresponde a cerca de 23% do total brasileiro. Se for considerado um leitor por exemplar vendido, apenas 0,1% dos residentes no Brasil consumiram jornais impressos a cada dia nos últimos três meses de 2023.

Em território espanhol, esse número salta para 12% da população. Diário mais consumido na Espanha neste período, o esportivo MARCA, sozinho (978 mil exemplares), superou por três vezes o total vendido em solo brasileiro – 324 mil. Os jornais focados na editoria de esporte, inclusive, representam quatro dos dez mais lidos entre os espanhóis – e cerca de 23,6% do consumo em valores absolutos de exemplares.

Ainda sobre o contexto da Espanha, um levantamento feito pela Fundação BBVA¹⁹ (2023) demonstrou que o jornal impresso lidera o ranking entre os meios de comunicação pelo qual o público consumidor mais tem confiança. Numa escala de 0 a 10, o periódico impresso atingiu uma nota de 5,9, enquanto rádio, em segundo lugar, ficou com 5,7; televisão, na terceira colocação, com 5,3. As redes sociais, que cresceram exponencialmente nas últimas décadas e protagonizam a disseminação e o consumo de notícias, ocupam a última posição com uma nota 4.

Apesar de apresentar números baixos em relação à circulação de jornais impressos, o Brasil também confia neste meio. Considerando um recorte realizado pelo Datafolha durante a pandemia da Covid-19, em 2020, a televisão e os jornais lideraram o índice de confiança em informações sobre o assunto. Em um período

¹⁸ AIMC – ASSOCIAÇÃO PARA PESQUISA DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO. **Estudo Geral de Mídias**. Madrid: AIMC, 2024. Disponível em:

<https://reporting.aimc.es/index.html#/main/diarios>. Acesso em: 30 abr. 2024.

¹⁹ BBVA, Fundação. **Estudo sobre Pautas de Consumo de Informação**. Bilbao: Fundação BBVA, 2023. Disponível em:

<https://www.fbbva.es/wp-content/uploads/2023/06/Estudio-Consumo-de-Informaci%C3%B3n-Fundaci%C3%B3n-BBVA.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

marcado pela busca de informações a respeito de um vírus que, até então, era desconhecido e não possuía vacina ou tratamento específico, a sociedade optou por recorrer aos meios tradicionais, com reputação histórica.

Embora tenha perdido seu protagonismo em alguns aspectos, especialmente no que diz respeito à circulação, o jornal impresso continua sendo peça-chave no cenário do jornalismo. Sua contínua valorização pelo público como uma das mais confiáveis fontes de notícias indica o cumprimento dos princípios éticos na produção e divulgação das mesmas. Dessa forma, o jornalismo impresso permanece relevante para a formação da opinião pública e para fomentar debates na sociedade. Ele segue exercendo um papel vital em informações, análises e reflexões. "Na verdade, o jornal é um grande formador de significados" (Lozza, 2009, p. 33).

3.3 ESPORTE E JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo se configura como um campo especializado do jornalismo, dedicando-se à cobertura abrangente de eventos, organizações, personalidades e demais atores que fazem parte do universo do esporte. Erbolato (1981) defende que esta editoria precisa que os profissionais possuam domínio e estejam sempre atualizados sobre o assunto esportivo. Um jornalista que entenda do tema garante maior precisão das informações disseminadas ao público, além de possibilitar uma análise crítica qualificada e contextualizada dos acontecimentos.

Diante da paixão pulsante que envolve o meio esportivo e, principalmente, o futebol, o jornalista Paulo Vinícius Coelho em "Jornalismo Esportivo" (2020, p. 48) afirma que a área segue se baseando na produção de notícia, "construída com inteligência, com conhecimento do assunto, com encadeamento de ideias, coisas que exigem bons profissionais". O jornalismo esportivo não deixa de ser jornalismo por conta de sua especificidade.

A apuração, a checagem e a divulgação de fatos importantes para a sociedade devem estar presentes no jornalismo esportivo. Mariana Corsetti Oselame (2010) defende que a editoria está em crise, pois é vista como fonte de puro lazer e diversão. A partir do momento em que jornalistas deixam a informação de lado para gerar entretenimento, a função social do jornalismo esportivo é ofuscada. Como consequência, constroi no público uma repulsa a manifestações políticas e sociais no cenário do esporte.

A realidade e os princípios éticos já citados precisam fazer parte do que é contado pelos profissionais do ramo. Na obra "Manual do Jornalismo Esportivo", Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006, p. 25) reforçam este pensamento e alertam sobre os compromissos que o jornalismo tem com a sociedade e a democracia.

É verdade que o jornalismo mexe com uma matéria-prima muito volátil, mas não se justifica a corrida desenfreada atrás de fatos que nem sempre têm relevância ou interesse público. É preciso ser ágil para não perder a oportunidade de oferecer ao torcedor a informação atualizada e completa, porém, com acurácia. Sem ela, nada feito. Não é jornalismo. [...] Não se trata de formar uma elite. Apenas de exigir o cumprimento das regras mínimas que caracterizam a atividade jornalística.

Embora envolva a coleta e a disseminação de informações ligadas aos resultados das competições e aos desempenhos dos atletas, o jornalismo esportivo vai além. Ele deve-se propor a atingir camadas mais profundas, como a influência política, econômica e cultural do esporte na sociedade. Os jornalistas têm a possibilidade de aprofundar assuntos, como diversidade, inclusão e igualdade de gênero, e atuar como um acelerador de mudanças sociais. Afinal, o esporte é uma poderosa ferramenta de transformação.

O professor Manoel José Gomes Tubino (2001) define o esporte como um fenômeno sociocultural que possui três dimensões sociais. Segundo o autor, "o esporte, como instituição social, não deve ser analisado fora de suas dimensões sociais, porque esta seria uma via reducionista". São as seguintes: esporte-educação, esporte-participação e esporte-performance.

A primeira manifestação, esporte-educação, é focada no ambiente escolar (Tubino, 2001). Ela tem como objetivo a promoção da cultura esportiva de maneira democrática e sem a finalidade da competição. Neste cenário, a preocupação é pequena em relação aos resultados, pois a prática é vista como uma ferramenta de inclusão, desenvolvimento psicomotor e fomento da cidadania. A dimensão faz parte do processo educacional de cada indivíduo.

A segunda dimensão social do esporte é chamada de esporte-participação. Ela está ligada ao prazer lúdico, ao lazer, à diversão proporcionada pela prática esportiva para todas as idades. É observada quando pessoas se organizam para jogar futebol, handebol, vôlei, entre outros, em espaços públicos ou privados. "Tem

como finalidade o bem-estar social dos seus praticantes" (Tubino, 2001, p. 38). Segundo o autor, essa é a manifestação mais próxima dos ideais da democracia, pois estimula a interação social, o respeito às regras e a coletividade.

Por último, a terceira dimensão social representa o esporte de rendimento. De acordo com Tubino (2001), esporte-performance diz respeito aos grandes torneios, à busca por resultados e recordes históricos. Valores como a coletividade e as boas condutas (*fair play*) são desprezados, em muitos casos, para que a vitória sobre o adversário aconteça a qualquer custo. O esporte de rendimento é visto como um produto, pois faz parte de um mercado específico – e é responsável pelo maior número de pautas na editoria esportiva.

A cobertura jornalística esportiva, na sua maioria, é setorizada, podendo incidir sobre clubes, modalidades, entidades, dirigentes ou outros aspectos esportivos importantes. [...] o jornalismo cada vez mais tem buscado o sentido do espetáculo, o que leva a uma identificação integrada com o show, o profissionalismo, o negócio. A criação, a difusão e o reconhecimento de ídolos e mitos no Esporte têm sido algumas das iniciativas do Jornalismo Esportivo na construção do espetáculo (Sousa, 2020, p. 21 *apud* Tubino, 2007, p. 719).

A espetacularização do esporte aumenta a emoção e o sensacionalismo dos torneios, o que deixa de lado – e muitas vezes banaliza – a análise crítica sobre questões sociais mais profundas presentes no ambiente esportivo. O valor do esporte acaba sendo medido somente pelo atrativo comercial, afinal, é enxergado como entretenimento (Oselame, 2010). Por sua vez, o ramo do jornalismo esportivo acaba colocando mais esforço na procura de narrativas impactantes em vez de exercer a profissão de forma equilibrada.

Um dos compromissos éticos principais do jornalista é a independência do trabalho perante as grandes organizações. Os fatos que são relevantes para a sociedade não podem ser barrados ou modificados por interesses particulares. Na editoria esportiva não é diferente, porque o profissional não deve se limitar à busca pela emoção e pelos resultados que cativam milhões de entusiastas pelo mundo. Barbeiro e Rangel (2006, p. 26) exemplificam esse processo de reducionismo da cobertura esportiva:

[...] as notícias resumem-se ao jogo que acontece amanhã, ou o que aconteceu ontem. Durante a semana, o noticiário fica dominado

por esses eventos seguidos das entrevistas coletivas dos times de futebol. Não há diferença entre as notícias nos diferentes veículos.

No século XXI, o jornalismo esportivo apresenta cinco características consolidadas, segundo Aurora Bernal (2008). A pauta dos programas de esporte baseia-se, sobretudo, no futebol. As demais modalidades correm por fora, com raras exceções em competições de tamanho mundial, como os Jogos Olímpicos. Outra característica é a tendência de aumentar a importância dos acontecimentos para além do necessário, trazendo, inclusive, elementos inicialmente desconexos com a prática esportiva. Sobre o vocabulário, este é exagerado, hiperbólico, repleto de adjetivos que podem soar agressivos para os atletas ou demais atores – transformados pela imprensa esportiva em heróis ou vilões.

A capacidade da editoria de esportes de construir e estabelecer estereótipos no imaginário do público sobre determinados jogadores, clubes ou outras figuras aumenta a responsabilidade que os profissionais da área têm sobre os conteúdos que são produzidos e divulgados. Embora a narrativa esportiva tenha uma forte conexão com a emoção, a realidade precisa se sobressair ao ser apresentada aos leitores, pois "nem todo mundo é capaz de diferenciar o que é jornalismo do que não é" (Coelho, 2020, p. 19). A abordagem, portanto, precisa ser equilibrada e justa.

Nesse sentido, a teoria de Stuart Hall (2016) ressalta que a identidade das pessoas é dinâmica, maleável e permanentemente em construção. Ela é moldada por meio de processos históricos e socioculturais relacionados com o ambiente ao seu redor. No campo do esporte, o jornalismo, atuando como "Quarto Poder" da sociedade, é responsável pela seleção das histórias que serão transmitidas ao público.

O esporte é um reflexo da sociedade que se enriquece ao trazer a trajetória dos atletas, porque desperta o interesse do público. Esta visibilidade pode aproximar ídolos e respectivos admiradores, mas também pode produzir o efeito contrário. Em conteúdos esportivos, a figura do negro vive dois cenários completamente distintos: exaltado em grandes conquistas, como Pelé e as copas do mundo, ou em situações violentas, como Vinicius Júnior e os casos de racismo. Por isso, uma maior sensibilidade é exigida do jornalismo esportivo, assumindo a responsabilidade de trazer questões sociais para o ambiente em que está inserido.

Quando se observa o jornalismo esportivo, é notória a escassez de pautas abordando a identidade do atleta negro. Este assunto se tornou mais comum em 2020 após os casos que desencadearam os objetos que serão analisados neste trabalho. O jornalismo esportivo também é marcado por uma construção resultadista, em que são apresentados os resultados dos jogos e qual jogador foi importante para a partida, o que distancia pautas sociais e políticas dos temas abordados nos programas esportivos (Santos, 2021, p. 12).

Em conclusão, o jornalismo esportivo não deve se limitar à superficialidade dos relatos e das análises dos eventos esportivos. Ele precisa ultrapassar as barreiras do mero entretenimento, se engajando em pautas políticas e sociais relevantes para promover justiça social e igualdade, bem como todas as outras áreas da atividade jornalística. No mundo atual, é essencial que os jornalistas reconheçam a responsabilidade não mais nacional ou regional, mas global na transmissão das notícias, e defendam os compromissos éticos e morais da profissão, como o combate a sistemas de opressão – vide o racismo estrutural.

4 ANÁLISE

Diante do exposto neste trabalho, observa-se que o jornalismo precisa defender os compromissos éticos e morais estabelecidos perante a sociedade, independente do formato ou da especialidade da cobertura em questão. Através da paixão que estimula, o jornalismo esportivo pode-se tornar um vetor de mudanças sociais caso cumpra sua função dentro do ambiente no qual está inserido, indo além dos resultados das competições para combater desigualdades e injustiças. Paralelamente, o jornal impresso demonstra que ainda é relevante no consumo de notícias, sobretudo no território espanhol, muito por conta de sua credibilidade.

Este capítulo se aprofunda na análise das coberturas realizadas pela imprensa diária esportiva da Espanha em oito casos de racismo sofridos pelo jogador brasileiro Vinicius Júnior em dias de partidas do Real Madrid na temporada 2022/23 do futebol espanhol. Além de explicar as estratégias metodológicas, o trabalho apresenta os ataques sofridos pelo atleta e investiga a evolução da abordagem jornalística ao longo da temporada. Assim, o autor definiu como objeto da pesquisa a escolha do principal jornal impresso esportivo do país, o MARCA.

4.1 JORNAL MARCA

O MARCA é um jornal esportivo diário espanhol com circulação nacional. Fundado em 21 de dezembro de 1938, o periódico surgiu em plena Guerra Civil espanhola (1936-1939) na cidade de San Sebastián, no País Basco. Em um período marcado pela paralisação dos eventos esportivos, o veículo idealizado por Manuel Fernández-Cuesta começou como uma revista semanal com ênfase em fotografias e ilustrações.

A primeira edição teve cerca de 30 mil exemplares e esgotou em poucas horas. Em 1940, a redação foi transferida para a capital Madrid. Dois anos depois, com a volta das competições, que ajudaram "a digerir as dificuldades de uma Espanha quebrada, isolada e paupérrima" (MARCA, 2017), a revista passou a ser um jornal com periodicidade diária e distribuído em todo o país.

Referência internacional, o MARCA é o diário mais lido da Espanha, com 978 mil exemplares vendidos por dia no terceiro trimestre de 2023, conforme os dados do "Estudo Geral de Mídias". O jornal esportivo fica a frente de veículos renomados

do jornalismo geral, como El País e El Mundo. Atualmente, o exemplar custa € 1,20 – cerca de R\$ 5,70. O veículo também fechou o ano com mais de 450 mil ouvintes na Rádio MARCA²⁰ e milhões de consumidores na plataforma web. Entre as modalidades esportivas, o MARCA cobre principalmente o futebol espanhol, com ênfase nos dois maiores clubes da capital, Real Madrid e Atlético de Madrid.

4.2 METODOLOGIA

Uma pesquisa quantitativa e qualitativa foi realizada para analisar a evolução da cobertura jornalística sobre os episódios de racismo sofridos pelo atleta Vinicius Júnior no jornal esportivo impresso espanhol MARCA. Busca-se examinar, por meio de diversos indicadores, a relevância dada ao tema e a representação dos atos e do próprio Vinicius por meio do veículo observado durante a temporada 2022/23 do futebol espanhol. Por isso, o método utilizado é a Análise de Conteúdo. A pesquisadora Laurence Bardin (1977) define a metodologia como:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. Enquanto esforço de interpretação, análise de conteúdo oscila entre os dois pólos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade (Bardin, 1977, p. 15).

Laurence Bardin (1977) determina as etapas do método de análise em três fases. A primeira é a pré-análise, na qual é feita a organização da pesquisa, sob alguns passos a serem seguidos. Por meio do recorte proposto pela pesquisa, ocorre a escolha e a preparação dos documentos e conteúdos analisados.

Inicia-se por uma leitura flutuante, que é "estabelecer contacto com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações" (Bardin, 1977, p. 96). Esta etapa ocorreu quando o autor, já com a escolha alinhada do tema, revisou as páginas dos jornais espanhóis nos diferentes

²⁰ MARCA. **Radio MARCA cierra el 2023 con 459.000 oyentes, 23.000 más que el año pasado.** MARCA, Madrid, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://www.marca.com/radio/2023/11/30/65681d8022601d331a8b4590.html>. Acesso em: 20 mai. 2024.

casos de racismo e observou padrões e variações na cobertura que poderiam oferecer insights aprofundados para a pesquisa.

A partir de então, hipóteses e objetivos de estudo são formulados a partir de uma leitura mais aprofundada e precisa. Ainda na pré-análise, acontece a referência dos índices e a elaboração dos indicadores, que servem para extrair dos documentos a mensagem que é buscada pelo estudo. A última tarefa desta fase é a preparação do material, que tem como objetivo organizar o conteúdo por padrões e equivalências para começar a pesquisa.

De acordo com Laurence Bardin (1977), a segunda etapa da Análise de Conteúdo é a exploração do material escolhido pelo trabalho. “Esta fase, longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas” (Bardin, 1977, p. 101). Nela, aplica-se de forma sistemática as decisões tomadas e codifica-se o material da amostra.

A codificação corresponde a uma transformação dos dados brutos do texto, por processos de decomposição, classificação, agrupamento e enumeração, que permitem atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto, que podem servir de índices (Cardoso; Oliveira; Gheli, 2021, p. 106).

No caso deste trabalho, a codificação envolverá a análise detalhada dos textos jornalísticos do diário MARCA que tratam dos episódios de racismo contra Vinicius Júnior. Inicialmente, o autor examinaria apenas a edição do dia seguinte às partidas nas quais ocorreram atos racistas, por meio da plataforma Press Reader²¹. No entanto, visto que seis dos oito jogos analisados ocorreram após às 21h do horário local, o período de pesquisa foi ampliado para incluir as duas edições subsequentes aos fatos apresentados. Assim, o estudo torna-se mais completo por analisar um tempo maior de repercussão dos fatos no veículo.

Diante disso, será examinado todo texto jornalístico que menciona o caso de racismo ocorrido no dia da partida anterior ao exemplar. Portanto, a classificação dos dados ocorrerá conforme a análise de cada menção ao incidente, permitindo

²¹ PressReader é uma plataforma digital de distribuição de mais de 2.500 jornais diários, em cores e no mesmo formato da página impressa. Alunos da PUCRS possuem acesso ilimitado ao navegador.

uma representação clara e sistemática do conteúdo jornalístico. As categorias que servirão como filtro comum para todo o corpus da pesquisa são:

a) **Posição na edição:** diz respeito à localização do texto jornalístico dentro do jornal impresso, que pode influenciar diretamente a percepção do consumidor sobre a relevância do caso de racismo apresentado. Em ordem decrescente de destaque e urgência, os conteúdos podem estar posicionados na capa do exemplar, na contracapa, na primeira página e em alguma seção interna. Caso um texto jornalístico seja mencionado em duas ou mais posições, leva-se em conta a ordem acima.

b) **Formato jornalístico:** classifica os textos jornalísticos como opinativos ou informativos. A primeira alternativa apresenta interpretações críticas e subjetivas dos autores de crônicas, colunas, editoriais, entre outros. Por outro lado, a segunda fornece uma cobertura midiática do caso de racismo de maneira factual e objetiva por meio de gêneros textuais como reportagens e notícias.

c) **Posição no texto:** refere-se à localização da menção ao caso de racismo sofrido por Vinicius Júnior dentro da estrutura do texto jornalístico. A ênfase e a visibilidade que o jornal espanhol confere ao tema são maiores quando o mesmo é abordado no título, seguido pelo subtítulo e, por fim, pelo corpo do texto. Caso a menção esteja presente em mais de uma posição no texto, será considerada a localização com maior destaque, conforme ordem apresentada acima.

d) **Profundidade do tema:** o texto jornalístico pode apresentar o caso de racismo de maneira superficial, isto é, uma mera menção tímida, com poucos detalhes. Uma profundidade moderada inclui uma descrição detalhada do fato e uma citação direta de fonte envolvida. Por fim, uma abordagem detalhada fornece contexto do racismo sofrido pelo jogador e detalhes do caso específico, além de uma variedade de fontes para uma compreensão mais completa e abrangente.

e) **Percepção do racismo:** avalia-se a linguagem utilizada pelos textos jornalísticos para descrever os fatos. O método de medição consiste em verificar se o jornal reconhece e categoriza explicitamente o incidente como um ato racista, criminoso, ou se opta por não reconhecê-lo, empregando termos genéricos na abordagem dos insultos.

f) **Imagem de Vini Jr.:** elenca como a postura atleta diante dos atos racistas é retratada nos textos analisados. Um retrato positivo pode destacar sua resiliência contra o racismo, sua habilidade em superar adversidades e sua atuação exemplar

dentro e fora de campo. Uma imagem negativa pode conter críticas à forma como o jogador lidou com os insultos, se suas reações forem consideradas inadequadas ou se ele for retratado como parte provocadora do problema. Já uma imagem neutra não apresenta juízos de valor explícitos ao comportamento de Vinicius.

A terceira e última etapa do processo diz respeito ao tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. Por meio da apresentação dos resultados em operações estatísticas, segundo Bardin (1977, p. 101) o autor "é capaz de propor conclusões e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas", neste caso, sobre os oito episódios racistas contra Vinicius Junior na temporada de 2022/23.

4.3 AS COBERTURAS

Neste subcapítulo, os oito casos de racismo sofridos por Vinicius Júnior em dias de partidas do Real Madrid na temporada 2022/23 do futebol espanhol serão explicados e posteriormente analisados conforme as categorias preestabelecidas. Os fatos ocorreram entre 18 de setembro de 2022 e 21 de maio de 2023, na capital Madrid e em outras cidades espanholas, tanto em disputas do campeonato nacional quanto em confrontos da copa da Espanha.

4.3.1 Caso 1: Atlético de Madrid x Real Madrid (18/09/2022)²²

O primeiro caso de racismo sofrido pelo atleta Vinicius Júnior na temporada 2022/23 aconteceu no dia 18 de setembro de 2022 em Madrid. Atlético de Madrid e Real Madrid protagonizaram o clássico da capital espanhola às 21h do horário local, em partida válida pela sexta rodada do campeonato espanhol LaLiga. Antes do confronto, centenas de torcedores do Atlético cantaram "Vinicius, você é um macaco" nos arredores do estádio Metropolitano. Durante o jogo que resultou na vitória do Real por 2 a 1, mais ofensas racistas foram destinadas ao brasileiro e até cânticos para que ele morresse.

²² GE.GLOBO. **Torcida do Atlético faz cânticos racistas contra Vinicius Junior**. Ge.globo, Madrid, 18 set. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/09/18/torcida-do-atletico-faz-canticos-racistas-contra-vinicius-junior.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2024.

Quadro 1 – Exemplar do jornal MARCA do dia 19/09/2022

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
1.1	Seção interna	Opinativo	Corpo do texto	Superficial	Reconhecido	Neutra
1.2	Seção interna	Opinativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Neutra
1.3	Seção interna	Opinativo	Corpo do texto	Superficial	Reconhecido	Neutra
1.4	Seção interna	Opinativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Negativa
1.5	Seção interna	Opinativo	Título	Moderada	Reconhecido	Positiva

Fonte: o autor

A análise inicia-se com o exemplar do diário MARCA de 19 de setembro de 2022, dia seguinte ao primeiro caso de racismo sofrido por Vinicius Júnior na temporada 2022/23 do futebol espanhol. A primeira menção, **M1.1**, encontra-se na crônica de José María Rodríguez, que abre a seção interna do jornal sobre a partida na página 8. No conteúdo de formato opinativo, o cronista cita que os "asquerosos cânticos racistas" comprovaram a polêmica daquela semana, na qual o brasileiro foi alvo de comentário racista em um programa de televisão da Espanha por comemorar gols com dança. Embora reconheça explicitamente o racismo, a menção é tímida, presente em apenas um dos oito parágrafos do texto. Em tom de um simples relato, o cronista aborda a postura do atleta de maneira neutra.

A segunda menção, **M1.2**, também está no corpo do texto de um conteúdo opinativo – coluna de Carlos Carpio – dentro da seção interna do confronto entre Atlético e Real. Desta vez, o incidente é relatado em apenas uma frase, relatando que Vinicius foi vítima de "cânticos e lamentáveis insultos" dentro e fora do estádio. O racismo, nesse caso, não foi reconhecido de forma explícita pelo autor do texto.

A menção **M1.3** se faz presente em outra crônica na seção interna. Em dois parágrafos ao final do texto, Juan Ignacio García-Ochoa escreve que Vini foi chamado de macaco por um grupo de 300 torcedores do Atlético de Madrid e critica a postura do clube, que "não fez nenhuma menção aos insultos racistas" em comunicado oficial publicado. A postura da vítima não foi comentada pelo cronista.

Por outro lado, a menção **M1.4** realizada pelo jornalista Roberto Gómez na coluna "Minhas frases sobre o jogo", localizada em seção interna do jornal, critica a postura de Vinicius Júnior diante do episódio. O cronista não comenta sobre os insultos racistas, apenas sobre a dança do atleta, que tornou-se símbolo da luta contra o racismo. Segundo Gómez, Vini deve deixar a dança de lado e se dedicar a jogar futebol, pois "é o que melhor faz" – este trecho destacado em negrito no exemplar.

A quinta menção ao caso neste exemplar, **M1.5**, é a que mais aprofunda no tema, mas a última na ordem de paginação. Localizada na derradeira página da seção destinada ao jogo, a coluna de Mario Cortegana descreve e contextualiza o fato de maneira detalhada, além de trazer uma declaração de Vinicius. Diferente das outras menções no diário, o tema foi abordado no subtítulo, ganhando mais relevância de acordo com seu posicionamento no texto. O texto cita que torcedores variados chamaram de "macaco" o atleta, que tem elogiada pelo autor sua resposta ao racismo com dança, pois não vai se rebaixar a isso.

Quadro 2 – Exemplar do jornal MARCA do dia 20/09/2022

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
1.6	Capa	Informativo	Título	Detalhada	Reconhecido	Neutra
1.7	Capa	Opinativo	Título	Moderada	Reconhecido	Neutra
1.8	Seção interna	Informativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Neutra
1.9	Seção interna	Opinativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Neutra
1.10	Contracapa	Opinativo	Título	Superficial	Reconhecido	Negativa

Fonte: o autor

No exemplar do segundo dia seguinte à partida, cinco menções ao caso de racismo em Atlético de Madrid x Real Madrid foram feitas no jornal MARCA. A primeira menção, **M1.6**, é uma reportagem de Manuel Malagón, presente na capa e na seção interna relacionada ao jogo, que noticia as denúncias que a LaLiga, entidade responsável pelo campeonato espanhol, pretendia fazer sobre os "cânticos racistas". O texto detalha o episódio ocorrido no dia da partida e traz uma variedade

de fontes e declarações, como Vinicius – que não recebeu juízo de valor sobre sua postura –, os dois clubes envolvidos, um jogador do Atlético e o Movimento contra a Intolerância da Espanha.

Com o título "Nós nos relaxamos contra o racismo", a coluna de Salva R. Moya (**M1.7**) está na capa e na seção interna do jornal. O texto traz o contexto histórico do racismo no futebol espanhol, apresentando as leis criadas para tentar combatê-lo e criticando a impunidade das autoridades espanholas. O colunista reconhece explicitamente o racismo e, embora seja um texto de formato opinativo, não se posiciona em relação às reações de Vinicius ao caso.

A terceira referência do exemplar, **M1.8**, aos atos racistas ocorridos no dia 18 de setembro acontece numa reportagem sobre a comemoração do atleta Federico Valverde, do Real Madrid, após marcar um gol no clássico. Juan Castro escreve, de maneira superficial, que o gesto de paz foi uma resposta à "semana quente contra o amigo e companheiro Vinicius". Segundo o jornalista, o brasileiro recebeu "muitas críticas", sem mencionar que houve racismo, nem realizar qualquer julgamento sobre a postura da vítima.

Em sua coluna, Felipe del Campo cita (**M1.9**) o ocorrido de maneira superficial, dando enfoque para a tolerância zero com a violência nos estádios, sem aprofundar no episódio da partida e sem reconhecer o racismo sofrido pelo atleta do Real Madrid. Com a escassez de material sobre os atos racistas, o jornalista apresenta neutralidade diante da postura de Vini no incidente.

Em nova menção no dia seguinte, **M1.10**, Roberto Gómez reforça que Vinicius deve se concentrar em jogar e "deixar de lado outras circunstâncias que não beneficiam a ele, nem ao Real Madrid, e que não imite Neymar", justificado como mau exemplo profissional. Elogia o jogador, mas diz que ele não pode ficar provocando em campo. No último parágrafo, reconhece o racismo sofrido por Vini e diz que é inadmissível.

4.3.2 Caso 2: Valladolid x Real Madrid (30/12/2022)²³

²³ GE.GLOBO. **Vinicius Junior sofre insultos racistas e condena LaLiga: "Segue sem fazer nada"**. Ge.globo, Valladolid, 31 dez. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/12/31/vinicius-junior-sofre-insultos-racistas-em-valladolid-x-real-madrid-veja.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2024.

O segundo caso de racismo sofrido pelo atleta Vinicius Jr. na temporada 2022/23 do futebol espanhol ocorreu em 30 de dezembro de 2022 na cidade de Valladolid. No estádio José Zorrilla, Valladolid e Real Madrid se enfrentaram na 15ª rodada do campeonato espanhol às 21h30 do horário local. Na ocasião, torcedores atiraram vários objetos contra o atleta enquanto ele era substituído e saía de campo, gritaram “negro de merda” e “macaco” e fizeram sons que imitam o animal. O jogo terminou em 2 a 0 para o time da capital.

Não houve nenhuma menção ao episódio racista na edição do jornal MARCA do dia seguinte (31) ao confronto. Dois dias depois, no dia primeiro de janeiro de 2023, apenas uma referência ao caso foi observada no diário.

Quadro 3 – Exemplar do jornal MARCA do dia 01/01/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
2.1	Capa	Informativo	Título	Detalhada	Reconhecido	Neutra

Fonte: o autor

A única menção presente no exemplar, **M2.1**, se faz presente na capa, com a manchete "Vinicius denuncia de novo insultos racistas", e é esmiuçada em reportagem na seção interna dedicada às notícias do Real Madrid. O texto descreve o episódio com detalhes e apresenta declarações do jogador e da LaLiga após o fato. A imagem de Vini, por sua vez, não é explorada pela reportagem.

Vale destacar que o jornal publicou neste dia uma reportagem sobre a ascensão rápida do atleta na equipe madrilenha, mas sem citar qualquer caso de racismo sofrido pelo jogador durante sua trajetória. Portanto, não contabiliza neste estudo. Enquanto o texto da menção ocupa metade de uma página, esse outro conteúdo ficou com um espaço de uma página e meia.

4.3.3 Caso 3: Real Madrid x Atlético de Madrid (26/01/2023)²⁴

²⁴ GE.GLOBO. **Torcida do Atlético de Madrid simula enforcamento de Vinicius Junior**. Ge.globo, Madrid, 26 jan. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/01/26/torcida-do-atletico-de-madrid-simula-enforcamento-de-vini-jr-antes-de-classico-com-real-madrid.ghtml>. Acesso em: 03 jun. 2024.

O terceiro episódio racista envolvendo o atleta do Real Madrid na temporada 2022/23 aconteceu, em Madrid, no dia 26 de janeiro de 2023. A partida entre Real Madrid e Atlético Madrid foi válida pelas quartas de final da Copa do Rei da Espanha. O confronto que começou às 21h, horário local, terminou em 3 a 1 para o time de Vinicius Júnior. O incidente aconteceu antes do jogo, quando torcedores do Atlético de Madrid penduraram um boneco, com a camisa de Vinicius, pelo pescoço em uma ponte na capital espanhola, simulando um enforcamento do brasileiro. Uma faixa com a frase "Madrid odeia o Real" foi estendida acima.

Quadro 4 – Exemplar do jornal MARCA do dia 27/01/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
3.1	Capa	Opinativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Neutra
3.2	Seção interna	Informativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Neutra
3.3	Seção interna	Opinativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Positiva
3.4	Seção interna	Informativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Neutra
3.5	Seção interna	Informativo	Título	Detalhada	Não reconhecido	Neutra

Fonte: o autor

A primeira menção ao caso está na capa (**M3.1**) da edição de 27 de janeiro de 2023. Um carimbo editorial, nas cores preta e branca, inserido pelo jornal cita "intolerável ameaça" ao Vinicius feita pela torcida organizada do Atlético de Madrid antes da partida. O racismo, então, não foi reconhecido explicitamente. Pela superficialidade do conteúdo, não há profundidade no tema, tampouco juízo de valor à postura do atleta brasileiro.

Já na seção interna da partida, a referência **M3.2** relata o fato em uma frase, destacando um Vinicius "triste, injustiçado e não merecido protagonista" da manhã do dia anterior. O assunto principal do texto da reportagem David Medina é o mau retrospecto do Atlético de Madrid na Copa do Rei nos últimos anos.

A terceira menção no exemplar do MARCA, **M3.3**, possui formato opinativo, fazendo parte de uma crônica de Juan Ignacio García-Ochoa sobre o jogo. O último parágrafo do texto valoriza a resiliência e o profissionalismo de Vinicius Júnior para fazer o último gol e decidir o clássico, embora tenha vivido "uma das piores manhãs como jogador do Madrid". No entanto, não há reconhecimento do ato como racismo.

M3.4 também encontra-se na seção interna destinada ao confronto, mais precisamente no resumo da coletiva do treinador do Real Madrid, Carlo Ancelotti. A declaração do técnico menciona que o episódio passado por Vinicius foi lamentável, mas não há mais nada de descrição, contexto ou julgamento trazido pelo jornal no texto de formato jornalístico.

Por fim, a quinta menção ao episódio (**M3.5**) faz parte de uma reportagem de Miguel Ángel Lara que ocupa uma página inteira da edição do dia 27 de janeiro. Com o título "Madrid apoia Vinicius", o conteúdo oferece uma variedade de fontes, incluindo a vítima, a LaLiga, o Real Madrid e o Atlético de Madrid, descrição detalhada do acontecimento e relembra o caso do confronto anterior contra o maior rival, em setembro de 2022. No entanto, não reconhece o ato do boneco enforcado como racista. A postura de Vini Jr. é abordada de forma neutra pela reportagem.

A edição do jornal MARCA de 28 de janeiro de 2023, dois dias após a partida, não contemplou nenhuma referência ao caso de racismo.

4.3.4 Caso 4: Mallorca x Real Madrid (05/02/2023)²⁵

No dia 05 de fevereiro de 2023, o quarto caso de racismo sofrido por Vinicius Júnior no período estabelecido pela pesquisa ocorreu contra o Mallorca, em partida válida pela 20ª rodada do campeonato espanhol 2022/23. No confronto que se iniciou às 14h, horário local, o Real Madrid saiu derrotado por 1 a 0. Ao menos um torcedor do adversário gritou "macaco" para o atleta brasileiro, que recebeu vaias da arquibancada durante toda a partida. Ele também foi provocado em campo pelos jogadores rivais e sofreu dez das 29 faltas – recorde da competição até então – cometidas pelo adversário.

²⁵ GE.GLOBO. **TV flagra Vinicius Junior sendo chamado de macaco em duelo contra o Mallorca**. Ge.globo, Madrid, 06 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/02/06/tv-flagra-vinicius-junior-sendo-chamado-de-macaco-em-duelo-contra-o-mallorca.ghtml>. Acesso em: 03 jun. 2024.

Quadro 5 – Exemplar do jornal MARCA do dia 06/02/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
4.1	Seção interna	Opinativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Positiva
4.2	Seção interna	Opinativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Negativa
4.3	Seção interna	Informativo	Corpo do texto	Moderada	Não reconhecido	Neutra
4.4	Seção interna	Informativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Neutra
4.5	Contracapa	Opinativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Negativa

Fonte: o autor

A primeira menção no exemplar do jornal MARCA do dia seguinte ao episódio, **M4.1**, aparece na crônica de José María Rodríguez, na seção interna do jogo. O texto elogia a resiliência de Vini Jr., que, segundo o jornalista, não se rende contra todas as adversidades. O cronista não aprofunda o episódio, nem reconhece o racismo. Inclusive, escreve que "cada um com a sua consciência" em relação a declarações de jogadores do Mallorca que o brasileiro não é um bom exemplo.

José Félix Díaz estabelece em sua coluna que Vinicius foi o personagem do confronto. Neste conteúdo opinativo (**M4.2**), a abordagem do tema se limita à postura do atleta, que é vista como negativa pelo autor. Segundo ele, é Vini quem precisa tirar conclusões de tudo que está acontecendo ao seu redor, pois "seu futebol se perde quando ele se envolve em brigas e emboscadas". O racismo não é explicitamente reconhecido.

Por outro lado, a reportagem "Inferno em Mallorca" (**M4.3**) escrita por Santiago Sigüero relata alguns detalhes do episódio racista, mas restringe-se a dizer que foi "muito insultado pela arquibancada". Não houve juízo de valor sobre a postura do jogador de sair de campo mostrando o escudo do Real Madrid para os torcedores do Mallorca. O texto também traz a declaração de um companheiro de time de Vinicius sobre o clima hostil criado contra o jogador no futebol espanhol.

A quarta referência ao caso neste exemplar, **M4.4**, cobre a entrevista coletiva do treinador Carlo Ancelotti e tem uma declaração dele como título: "Não é culpa de Vinicius". O técnico saiu em defesa do jogador, mas não houve aprofundamento do veículo para explicar com detalhes e contexto sobre o ato racista, tampouco reconhecimento da existência do crime. Vinicius foi representado no conteúdo informativo de Santiago Sigüero sem julgamento quanto a sua postura.

A menção **M4.5** se faz presente na contracapa, em texto produzido pelo redator-chefe do MARCA, Roberto Palomar. Em seu artigo de opinião, o jornalista diz que Vinicius "se converteu em uma espécie de diversão adicional" nos jogos do Real Madrid fora de casa. Palomar ainda cita que o atleta contribui com seu "comportamento inapropriado" para "faltas de ódio" que sofre dos adversários. O racismo sofrido pelo jogador em nenhum momento é reconhecido.

Quadro 6 – Exemplar do jornal MARCA do dia 07/02/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
4.6	Capa	Informativo	Título	Detalhada	Reconhecido	Neutra
4.7	Seção interna	Opinativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
4.8	Seção interna	Opinativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Negativa
4.9	Seção interna	Opinativo	Título	Superficial	Reconhecido	Negativa

Fonte: o autor

Dois dias depois do acontecimento, a edição de 7 de fevereiro de 2023 possui quatro menções sobre o racismo sofrido por Vinicius em Mallorca. A reportagem de Juan Ignacio García-Ochoa (**M4.6**) está presente na capa, com título "Caso Vinicius: perseguição e derrubada" qual menciona que continuam os "cânticos racistas" direcionados ao jogador, e é publicada na primeira página do jornal. O texto é focado na quantidade de faltas que Vini Jr. recebe em campo e apresenta dados, mas também aborda a investigação dos insultos racistas comunicada pela LaLiga, traz detalhes do caso e diferentes fontes – a vítima, um companheiro de clube, o Real Madrid e o jogador adversário que provocou Vinicius durante o jogo.

Sob o título "Pare, escracho!", a sétima menção relacionada ao racismo sofrido pelo brasileiro em Mallorca, **M4.7**, reconhece que existe um público racista nos estádios. O colunista Felipe del Campo escreve que nada justifica ou se equipara aos insultos sofridos pelo jogador. O acontecimento não foi aprofundado no texto. Também, vale destacar negativamente que o jornalista diz que um comentarista negro da Rádio Marca é "da mesma raça" que Vini.

Na referência **M4.8**, Rafa Sahuquillo escreve em sua coluna que o brasileiro está passando de uma solução para um problema ao Real Madrid. Com uma abordagem superficial que não reconhece explicitamente o racismo, o colunista ainda comenta que Vinicius precisa corrigir o comportamento e as reações.

Por último, José María Rodríguez escreve em coluna localizada na contracapa da edição (**M4.9**) que o racismo sofrido por Vini Jr. coloca os espanhóis "de frente ao espelho". Com uma descrição tímida do ocorrido em Mallorca, reconhecendo o ato como racista, Rodríguez comenta que "é evidente que Vinicius não é um santo", pois está em todas as brigas nas partidas. Ao final do texto, minimiza o debate ao dizer que talvez a solução seja ele sair do futebol espanhol.

4.3.5 Caso 5: Osasuna x Real Madrid (18/02/2023)²⁶

No dia 18 de fevereiro de 2023, Vinicius Júnior sofreu pela quinta vez insultos racistas vindos de torcedores na temporada 2022/23. O fato aconteceu na partida entre Osasuna e Real Madrid, às 21h do horário local, válida pela 22ª rodada da LaLiga – que terminou em 2 a 0 para o time de Vini Jr. Durante minuto de silêncio antes da partida para vítima de terremoto na Turquia e na Síria, torcedores cantaram "Vinicius, filho da p...". Ainda, o goleiro Courtois, do Real Madrid, relatou ter escutado da arquibancada "Vinicius, morra" durante o jogo.

Quadro 7 – Exemplar do jornal MARCA do dia 19/02/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
--------	-------------------	----------------------	------------------	----------------------	----------------------	--------------------

²⁶ GE.GLOBO. **Câmeras flagram insultos a Vinicius Junior e revolta do brasileiro com árbitro em jogo do Real**. Ge.globo, Pamplona, 19 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/02/19/cameras-flagram-insultos-a-vinicius-junior-e-revolta-do-brasileiro-com-arbitro-em-jogo-do-real.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2024.

5.1	Primeira página	Opinativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Positiva
5.2	Seção interna	Opinativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Neutra

Fonte: o autor

A primeira menção relacionada a esse caso, **M5.1**, aparece em crônica de José María Rodríguez sobre a partida disputada, localizada na primeira página da edição do MARCA de 20 de fevereiro de 2023. No texto que tem como título "Vinicius aguenta o ritmo da liga", o cronista enaltece o caráter do jogador em seu relato tímido e indireto sobre o ocorrido. Segundo ele, "dizem que se escutou um insulto, inclusive, durante o minuto de silêncio", sem reconhecer explicitamente o racismo que Vini vinha sofrendo.

Em outra crônica (**M5.2**) na seção interna do impresso, Miguel Ángel Lara escreve no título que o atleta ganha uma guerra que respeitou normas e que cada partida fora de casa será uma "bronca constante" para Vinicius. O jornalista não se aprofunda no assunto, mas analisa o clima hostil – e muitas vezes racista – das torcidas adversárias como um "objetivo" desde que o nome do brasileiro é anunciado nos alto-falantes dos estádios.

Quadro 8 – Exemplar do jornal MARCA do dia 20/02/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
5.3	Seção interna	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra

Fonte: o autor

A única menção ao episódio racista no exemplar do dia seguinte, **M5.3**, é uma notícia de autoria da agência espanhola EFE. O conteúdo versa sobre a denúncia da LaLiga de "insultos racistas" recebidos pelo jogador no estádio El Sadar, do Osasuna, e a identificação do criminoso. No entanto, não explica detalhadamente o ocorrido nos três parágrafos dedicados ao fato. O texto também informa que o autor do ato racista proferido contra Vinicius na partida contra o Mallorca, em 5 de fevereiro, foi identificado.

4.3.6 Caso 6: Betis x Real Madrid (05/03/2023)²⁷

Na sequência desta pesquisa, o sexto caso de racismo sofrido por Vinicius Jr. aconteceu em confronto contra o Betis, às 21h do fuso-horário espanhol, pela 24ª rodada do campeonato espanhol 2022/23. O placar foi 0 a 0 no dia 05 de março de 2023. Câmeras de um canal de televisão espanhol Gol revelaram, ao final da partida, os gritos de "macaco" direcionados ao atleta brasileiro do Real Madrid nas arquibancadas do estádio Benito Villamarín, em Sevilha. Os atos racistas ocorreram principalmente quando Vini aguardava para cobrar escanteio.

Quadro 9 – Exemplar do jornal MARCA do dia 07/03/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
6.1	Seção interna	Informativo	Título	Moderada	Reconhecido	Neutra

Fonte: o autor

Na edição posterior ao incidente, em 06 de março de 2023, o jornal espanhol MARCA não registrou qualquer menção sobre o episódio racista. No dia seguinte, 07, apenas uma referência ao caso foi realizada (**M6.1**). A reportagem publicada na seção interna do diário detalha as imagens captadas pelo canal Gol. Com o título "Vini, dos insultos ao gesto de Ancelotti", o texto jornalístico explica como sucederam os insultos racistas e o protesto do brasileiro contra o árbitro da partida, sem juízo de valor. Contudo, não apresenta declarações das fontes envolvidas.

4.3.7 Caso 7: Barcelona x Real Madrid (19/03/2023)²⁸

²⁷ GE.GLOBO. **LaLiga apresenta nova denúncia de racismo contra Vinicius Jr, do Real Madrid**. Ge.globo, Madrid, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/03/09/laliga-a-presenta-nova-denuncia-de-racismo-contra-vinicius-jr.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2024.

²⁸ ESPORTIVA, Gazeta. **Vini Jr. recebe ameaças de morte e ofensas racistas no clássico contra o Barcelona**. UOL, São Paulo, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/gazeta-esportiva/2023/03/20/vini-jr-recebe-ameacas-de-morte-e-ofensas-racistas-no-classico-contra-o-barcelona.htm>. Acesso em: 06 jun. 2024.

Em Barcelona, o sétimo ato racista direcionado ao atleta do Real Madrid na temporada 2022/23 do futebol espanhol foi registrado na partida ocorrida às 21h, horário local, do dia 19 de março de 2023. Dessa vez, gritos de "macaco" e "morra" para Vinicius Junior foram ouvidos das arquibancadas no clássico vencido pelo Barcelona por 2 a 1, pela 26ª rodada do campeonato nacional. Foi a segunda vez que o brasileiro sofreu racismo em jogos contra o maior rival da equipe pela qual atua – a primeira foi em outubro de 2021.

Quadro 10 – Exemplar do jornal MARCA do dia 20/03/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
7.1	Capa	Informativo	Subtítulo	Moderada	Não reconhecido	Negativa

Fonte: o autor

No exemplar do dia 20 de março de 2023, o racismo cometido contra Vini Jr. foi mencionado uma vez nos conteúdos do MARCA. A reportagem de Joel del Río (**M7.1**) aparece na capa como "O (*estádio*) Camp Nou cantou: 'Vinicius, morra'", mesmo nome do título da mesma na seção interna. Embora o texto detalhe o contexto do episódio, não cita os gritos de "macaco" direcionados pelos torcedores do Barcelona a Vini, nem reconhece explicitamente o racismo, limitando-se a dizer que houve "lamentáveis insultos". Quanto à imagem de Vinicius Júnior, o jornalista avalia negativamente a postura do jogador. Comenta que, "como de costume", ele respondeu aos insultos e incendiou a torcida rival, que proferiu cânticos só depois de Vini se meter em uma polêmica que não estava envolvido.

Nesta pesquisa, registra-se que não ocorreu qualquer menção ao caso de racismo na partida entre Barcelona e Real Madrid na edição de 21 de março de 2023 do jornal impresso MARCA.

4.3.8 Caso 8: Valencia x Real Madrid (21/05/2023)²⁹

²⁹ GE.GLOBO. **Valencia x Real Madrid é interrompido por racismo contra Vinicius Junior**. Ge.globo, Valência, 21 mai. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/21/valencia-x-real-madrid-e-interrompido-por-racismo-contra-vinicius-junior.ghtml>. Acesso em: 08 jun. 2024.

O oitavo e último episódio racista sofrido por Vinicius Júnior na temporada 2022/23 aconteceu no dia da partida entre Valencia e Real Madrid, em Valência, disputada às 18h30 do horário local no dia 21 de maio de 2023. Antes do jogo, torcedores adversários chamaram Vinicius de "macaco" desde a chegada do ônibus ao estádio Mestalla. Os atos racistas seguiram durante o confronto pela 35ª rodada do campeonato espanhol. Na segunda etapa, Vini apontou dois aficionados que cometeram racismo contra ele e imitaram sons de macaco. O árbitro interrompeu o jogo por cerca de oito minutos. Nos acréscimos, o brasileiro foi o único expulso em uma confusão entre jogadores dos dois clubes. A partida acabou com vitória do Valencia por 1 a 0.

Quadro 11 – Exemplar do jornal MARCA do dia 22/05/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
8.1	Contracapa	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Negativa
8.2	Seção interna	Opinativo	Título	Moderada	Não reconhecido	Negativa
8.3	Seção interna	Informativo	Título	Superficial	Não reconhecido	Neutra
8.4	Seção interna	Opinativo	Título	Detalhada	Reconhecido	Negativa
8.5	Seção interna	Opinativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
8.6	Seção interna	Informativo	Subtítulo	Moderada	Reconhecido	Neutra
8.7	Seção interna	Opinativo	Título	Superficial	Reconhecido	Negativa
8.8	Seção interna	Opinativo	Título	Moderada	Reconhecido	Positiva

Fonte: o autor

Na contracapa do exemplar de 22 de maio de 2023, o jornal MARCA menciona (**M8.1**) os insultos racistas, bem como a expulsão de Vini Jr. e a saída de campo do jogador respondendo à torcida do Valencia. O título, por sua vez, é "Intolerável (tudo)" e torna as três situações equivalentes, realizando mais críticas

negativas à reação de Vinicius do que apoio pelo crime cometido contra ele. O texto também traz uma declaração do treinador Carlo Ancelotti contra o racismo.

Com o título "Tomara que fosse apenas futebol", a crônica do jogo (**M8.2**) feita por José María Rodríguez na seção interna segue a mesma linha negativa em relação à imagem de Vinicius Junior. O cronista detalha o fato, mas não confirma os insultos racistas, limitando-se a escrever que o brasileiro viu ou escutou algo do tipo. Segundo Rodríguez, Vini "decide seguir" no jogo, briga em campo e faz um gesto feio para a torcida rival – dizendo que o Valencia seria rebaixado – ao sair de campo.

A terceira menção ao caso, **M8.3**, se faz presente em resumo informativo de Fernando Álvarez sobre a declaração do porta-voz do Valencia, Javier Solís, de que os torcedores do clube não são racistas – aspas que estão no título do texto. Escrito de maneira superficial, o texto não avança sobre a imagem de Vinicius e não reconhece explicitamente o racismo, visto que novamente cita de forma indireta os insultos. Dessa vez, por meio de denúncia do treinador do Real Madrid.

Por sua vez, o colunista Carlos Carpio (**M8.4**) detalha o episódio, traz contexto histórico do racismo sofrido por Vinicius e apresenta declarações do brasileiro e de Carlo Ancelotti. Quanto ao conteúdo, equivale o racismo aos "gestos pouco esportivos" de Vinicius Júnior. A coluna julga que o atleta precisa refletir por que os problemas sempre são com ele e não com outros negros da equipe. Ainda, Carpio comenta que o racismo é usado "de forma interessada como munição no confronto permanente entre madridistas e antimadridistas".

A quinta referência ao episódio racista, **M8.5**, aparece na coluna de José Félix Díaz, que comenta como "curioso" o fato de Vini ser insultado, estrangulado, mas expulso de campo. Também faz críticas à impunidade da Espanha em comparação com os outros países da Europa. No final do texto, colunista cita que Vinicius se equivocou com a provocação ao sair de campo, sem colocar o mesmo peso dado ao racismo direcionado ao atleta.

O jornalista José Félix Díaz ainda teve publicada uma reportagem (**M8.6**) sobre a busca do Real Madrid por justiça diante dos acontecimentos no Mestalla. O conteúdo informativo aborda as ações a serem tomadas pelo clube espanhol para combater os "insultos racistas" e buscar explicações sobre a expulsão de Vini Jr – que não recebeu juízo de valor sobre a postura. Declarações do goleiro Courtois, do Real, são trazidas para complementar o texto.

Na coluna "Minhas frases sobre o jogo", **M8.7**, Roberto Gómez menciona que todos devem pedir perdão, pois os insultos racistas a Vinicius Júnior são gravíssimos, mas a "péssima reação" também é inaceitável. Mais uma vez, o brasileiro tem comportamento questionado diante de um crime do qual é vítima.

Por fim, a oitava menção ao caso de racismo (**M8.8**) faz parte de outra crônica da edição sobre o jogo. Escrito por Pablo Polo, o texto opinativo destina maior parte à explicação dos atos racistas proferidos contra Vinicius. No título e no corpo do texto, o cronista elogia a luta do atleta por justiça e faz críticas à incapacidade da LaLiga de solucionar um problema tão grave. Diferente da maioria dos conteúdos anteriores, o jornalista afirma que as confusões que Vini participa em campo não justificam o racismo.

Quadro 12 – Exemplar do jornal MARCA do dia 23/05/2023

Menção	Posição na edição	Formato jornalístico	Posição no texto	Profundidade do tema	Percepção do racismo	Imagem de Vini Jr.
8.9	Capa	Opinativo	Título	Moderada	Reconhecido	Neutra
8.10	Primeira página	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
8.11	Primeira página	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
8.12	Primeira página	Informativo	Título	Detalhada	Reconhecido	Positiva
8.13	Primeira página	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
8.14	Primeira página	Opinativo	Corpo do texto	Moderada	Reconhecido	Neutra
8.15	Seção interna	Informativo	Corpo do texto	Superficial	Não reconhecido	Neutra
8.16	Seção interna	Opinativo	Título	Moderada	Reconhecido	Neutra
8.17	Seção interna	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
8.18	Seção interna	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
8.19	Seção interna	Informativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra
8.20	Seção	Opinativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra

	interna					
8.21	Contracapa	Opinativo	Título	Superficial	Reconhecido	Neutra

Fonte: o autor

Na edição do dia 23 de maio de 2023, o jornal MARCA produziu uma capa inédita nos casos analisados nesta pesquisa. Com fundo branco e preto, o diário publicou um editorial (**M8.9**) sob o título "Não basta não ser racista, é preciso ser antirracista" que ocupa toda a histórica página. Há o reconhecimento explícito do racismo sofrido por Vinicius Júnior – sem julgamento sobre a postura dele – ao longo da temporada. Em tom sério, o texto apresenta contextualização dos fatos, comenta a respeito da sistemicidade do problema, critica a impunidade dos tribunais espanhóis, exige um combate efetivo ao racismo e revisão dos protocolos de atuação contra estes atos. Por fim, cita que não há espaço para o ódio no futebol, no esporte e na sociedade, e que "é uma tarefa de todos alcançar essa finalidade".

Com o título "Todos com Vinicius", a segunda menção ao episódio em Valência (**M8.10**) traz vinte declarações de personalidades internacionais de apoio ao jogador na primeira página da edição, incluindo os presidentes Luiz Inácio Lula da Silva, do Brasil, e Pedro Sánchez, da Espanha, jogadores em atividade e ex-atletas. Também apresenta falas de chefes de entidades esportivas, como Gianni Infantino, presidente da FIFA.

Na parte superior da primeira página, o jornal oferece um código QR de acesso ao podcast "MARCA Daily" (**M8.11**). O episódio que tem como tema o racismo no futebol espanhol é acompanhado de uma foto do fato em Valência.

Quarta referência ao caso e também localizada na primeira página, **M8.12**, a reportagem de Pablo Polo "Escândalo mundial" reconhece que Vinicius Júnior é vítima de insultos racistas há um bom tempo na Espanha. O texto relembra o episódio e traz ações pós-jogo. Entre elas, a denúncia feita pelo presidente do Real Madrid ao Ministério Público. Segundo Pablo, a postura combativa do atleta contra o racismo fez com que as autoridades e o mundo prestassem mais atenção ao problema. A reportagem apresenta sete declarações de fontes diferentes.

Ainda na primeira página, Pablo Polo também repercute (**M8.13**) um comunicado feito pela agência TFM, que representa o brasileiro. O texto informativo apresenta um resumo do que foi publicado e dá destaque ao trecho "Na Espanha

não se aceita que o jogador mais determinante seja um jovem negro". Não houve qualquer juízo de valor sobre Vini.

A coluna de Salva R. Moya encerra os conteúdos que mencionam o episódio de racismo na página interna mais nobre do exemplar. O texto, **M8.14**, que começa com a frase "Vinicius Jr. é a vítima", faz um recorrido sobre o racismo no futebol espanhol e alerta sobre a impunidade histórica. O colunista pede tolerância zero e condena aqueles que, em primeiro lugar, criticam as reações de Vini.

Pela terceira vez na edição, o jornalista Pablo Polo aborda o caso. Na seção interna, a reportagem **M8.15** versa sobre a reunião que o presidente do Real Madrid teve com o brasileiro antes de denunciar o episódio para o Ministério Público. O texto registra menção tímida sobre o fato e não reconhece explicitamente o racismo.

Por sua vez, Felipe del Campo escreve no título da coluna, **M8.16**, que "Vinicius chora, o racismo ri", defendendo as reações do jogador em resposta aos insultos racistas e às provocações do time adversário. O colunista detalha o episódio, citando os cânticos de "macaco" e "Vinicius, morra" da torcida do Valencia.

Na sequência, o jornal traz duas notícias com declarações de figuras envolvidas no caso. José Félix Díaz aborda (**M8.17**) a coletiva de imprensa do então presidente da Real Federação Espanhola de Futebol, Luis Rubiales, na qual o mandatário denunciou o problema de "educação e racismo" existente na Espanha. Também pede que Vinicius não considere o comportamento do presidente da LaLiga, Javier Tebas.

Já o jornalista Joel del Río repercute (**M8.18**) as falas proferidas pelo chefe do campeonato espanhol nas redes sociais. Entre várias declarações apresentadas, Tebas nega que o país e a LaLiga sejam racistas. A notícia reconhece o racismo ocorrido na partida do dia 21 de maio de 2023.

Também na seção interna, a notícia de Fernando Álvarez, **M8.19**, menciona que o clube Valencia decidiu proibir para o resto da vida os torcedores que foram racistas com Vinicius Júnior e que a polícia já teria identificado um dos dois criminosos apontados pelo jogador durante o jogo.

Em coluna, o jornalista Pablo Parra da Rádio MARCA expõe (**M8.20**) que o episódio ocorrido na partida entre Atlético de Madrid e Real Madrid, em 18 de setembro de 2022, trazido nesta pesquisa, não acreditava ser caso de racismo, mas que mudou de ideia ao longo da temporada, com casos "a cada final de semana".

Também escreve no texto que os gestos de Vinicius não justificam qualquer ato racista.

Na contracapa, a coluna de José María Rodríguez é a última menção, **M8.21**, ao caso nesta edição. O jornalista concorda com a declaração do treinador do Barcelona, Xavi Hernández, de que o racismo está espalhado por todo o país, sem estar limitado a determinadas torcidas e clubes. Reconhece o crime sofrido por Vini e outros tantos jogadores, alegando que a escalada do preconceito se deve à falta de importância dada pela Espanha, em geral, ao tema.

4.4 O RETROSPECTO

A codificação das edições do jornal MARCA revela características significativas e padrões da abordagem feita pelo veículo em relação aos casos de racismo sofridos por Vinicius Júnior ao longo da temporada 2022/23 do futebol espanhol. Ao todo, foram encontradas e analisadas 51 menções aos atos racistas em textos jornalísticos distintos presentes nos 16 exemplares do MARCA examinados sob a ótica das seis categorias preestabelecidas.

Importante ressaltar que cerca de 60% das menções aconteceram no primeiro e no oitavo caso – 10 e 21 vezes, respectivamente. Tal dado serve de alerta para o veículo analisado, visto que não houve equilíbrio na abordagem e alguns episódios foram deixados de lado. Os casos 2, 6 e 7 tiveram somente uma menção ao racismo nos dois exemplares subsequentes ao fato, somados. Toda manifestação racista deve ser condenada e combatida pelo jornalismo com a mesma responsabilidade, seriedade, relevância e profundidade.

Tabela 1 – Retrospecto da categoria "Posição na edição"

Posição na edição	Total de menções	Percentual de menções
Capa	7	13,7%
Contracapa	4	7,8%
Primeira página	6	11,8%
Seção interna	34	66,7%

Fonte: o autor

Em relação à primeira categoria, observa-se que os casos de racismo não são destaque nas edições do jornal MARCA. Dois terços das menções estão presentes na seção interna dedicada ao Real Madrid. Das seis abordagens na primeira página, cinco ocorrem na repercussão do último caso sofrido por Vinicius Júnior, na partida contra o Valencia, em maio de 2023. Neste episódio, a capa foi utilizada em sua totalidade para tratar do tema.

Ainda, a presente pesquisa constata uma baixa frequência de menções nas capas e contracapas. Apenas em oito dos 16 exemplares diferentes os casos são apresentados nestas páginas. As informações publicadas, sobretudo, na seção menos nobre da categoria – e que divulga nas mais nobres em somente metade das edições – demonstram a irrelevância dada pelo veículo aos episódios racistas, tendo em vista a posição na paginação dos exemplares.

Tabela 2 – Retrospecto da categoria "Formato jornalístico"

Formato jornalístico	Total de menções	Percentual de menções
Opinativo	28	54,9%
Informativo	23	45,1%

Fonte: o autor

Quanto ao formato jornalístico dos textos que possuem referência aos atos racistas sofridos por Vini Jr, o recorte geral mostra uma certa equidade entre conteúdos opinativos e informativos. Aproximadamente metade (11 de 23) das menções registradas em textos jornalísticos nos quais predomina a informação se fazem presentes na abordagem do último caso de racismo. Já os artigos de opinião neste episódio representaram um terço do total, estando melhor distribuído ao longo da temporada 2022/23.

O detalhe revela que o MARCA destinou grande parte da repercussão do racismo às análises e aos comentários individuais de colunistas e cronistas. No entanto, os princípios do jornalismo exigem uma postura institucional que vai além disso, promovendo uma discussão amplo, informativo, embasado e comprometido com a busca por justiça social, igualdade, defesa dos direitos humanos e a luta antirracista.

Tabela 3 – Retrospecto da categoria "Posição no texto"

Posição no texto	Total de menções	Percentual de menções
Título	36	70,6%
Subtítulo	2	3,9%
Corpo do texto	13	25,5%

Fonte: o autor

Um ponto positivo em relação à cobertura feita pelo MARCA sobre casos de racismo sofridos por Vinicius diz respeito à localização das menções dentro da estrutura dos textos jornalísticos. O estudo constatou que mais de dois terços delas estão nos títulos, o que representa maior visibilidade na leitura de cada conteúdo. Vale lembrar, contudo, que a posição não determina por si só o destaque que o jornal confere ao tema no texto, pois a abordagem pode ser superficial, não reconhecer o racismo e possuir, inclusive, condenáveis críticas à postura de Vini – que ocorrem com certa frequência e serão exploradas na sequência.

Além disso, 18 das 36 menções presentes no título, ou seja, metade, situam-se no oitavo caso. Por meio da análise das categorias, percebe-se uma mudança de postura editorial ocorrida somente no último episódio.

Tabela 4 – Retrospecto da categoria "Profundidade do tema"

Profundidade do tema	Total de menções	Percentual de menções
Superficial	34	66,7%
Moderada	11	21,6%
Detalhada	6	11,8%

Fonte: o autor

No que diz respeito ao aprofundamento dos textos jornalísticos, chama a atenção a superficialidade com que os fatos foram relatados aos leitores. Uma abordagem tímida prejudica a compreensão dos acontecimentos e da perseguição ao brasileiro. O MARCA informou com contexto e pluralidade de fontes em somente 6 das 51 menções. O jornalista precisa investigar profundamente, contextualizar e apresentar com detalhes para que o público entenda plenamente a gravidade e a complexidade do racismo enfrentado.

Apesar de um tempo de produção mais longo, as edições publicadas dois dias após as partidas continuam apresentando um amplo domínio de menções superficiais aos atos racistas. Nesses e nos demais exemplares, o veículo optou por se aprofundar mais em questões táticas e técnicas do jogo de futebol. Diante da priorização dos aspectos esportivos em detrimento da discussão sobre o racismo sofrido por Vinicius Junior, revela-se uma postura que não se importa em abordar profundamente o tema para combater as injustiças sociais, desvinculando-se dos princípios éticos do jornalismo.

Tabela 5 – Retrospecto da categoria "Percepção do racismo"

Percepção do racismo	Total de menções	Percentual de menções
Reconhecido	30	58,8%
Não reconhecido	21	41,2%

Fonte: o autor

Na sequência, outro resultado alarmante: segundo o retrospecto geral da pesquisa, mais de 40% das menções não reconhecem o racismo de maneira explícita no texto. Ao desconsiderar da análise o oitavo e último caso, o percentual aumenta para 60% e o cenário fica ainda pior. Isso ocorre porque 18 dos 30 conteúdos que reconhecem o racismo estão presentes na cobertura do acontecimento na partida entre Real Madrid e Valencia.

Percebe-se, portanto, a cobertura inconsistente e insuficiente do MARCA, assumindo muitas vezes o lado do agressor. O não reconhecimento prevalece em quatro dos oito casos analisados pelo estudo. Dois deles não registram sequer uma menção reconhecendo o racismo. Assim, mostra-se que o jornal tende a abordar de maneira robusta e séria apenas quando há maior repercussão internacional e pressão pública.

Ainda, quase dois terços das referências aos fatos que não reconhecem o racismo fazem parte de conteúdos opinativos. O dado é fruto de uma abordagem com mais análises e opiniões individuais do que textos objetivos e factuais a respeito de um tema tão sensível. Ao assumir esse risco, o MARCA ajuda a perpetuar uma visão que minimiza as questões raciais e contribui para a manutenção do preconceito no esporte e na sociedade.

Tabela 6 – Retrospecto da categoria "Imagem de Vini Jr"

Imagem de Vini Jr	Total de menções	Percentual de menções
Positiva	6	11,8%
Neutra	34	66,7%
Negativa	11	21,6%

Fonte: o autor

Por fim, a sexta categoria, que aborda como a postura dos atletas frente aos atos racistas é representada nos textos analisados. Em sua maior parte, o MARCA não faz juízos de valor sobre o comportamento do brasileiro. Isso se deve, também, à superficialidade dos conteúdos, pois os relatos tímidos não oportunizam uma interpretação completa dos fatos.

No entanto, além de não reconhecer o racismo em uma parcela significativa dos textos, o jornal espanhol mais criticou do que elogiou a maneira com que o jogador lidou com os insultos racistas. Conforme demonstrado na pesquisa, a atitude e as reações de Vinicius são consideradas inadequadas ou provocadoras do problema em 21,6% dos conteúdos analisados.

Nove das 11 críticas negativas à postura de Vini estão presentes em textos de opinião. Embora o veículo tenha realizado uma cobertura mais robusta no último caso e, aparentemente, tenha reconhecido a gravidade dos atos racistas enfrentados pelo jogador ao longo da temporada, quatro desses juízos de valor negativos fazem parte dos textos relacionados ao incidente de maio de 2023. Tal conduta contraria compromisso ético do jornalismo com a luta antirracista e a defesa dos direitos humanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho de conclusão de curso teve como objetivo examinar as características e a evolução da abordagem realizada pelo jornal esportivo impresso MARCA, que registra o maior número de exemplares vendidos por dia na Espanha, na cobertura dos oito casos de racismo sofridos pelo jogador brasileiro Vinicius Júnior na temporada 2022/23. O autor optou pelo conteúdo de jornalismo impresso em virtude da credibilidade do meio e do impacto que gera no imaginário social e na formação da opinião pública espanhola.

A partir da análise dos textos jornalísticos que mencionaram os insultos racistas dirigidos ao atleta do Real Madrid, é possível constatar que a ampla maioria demonstra incapacidade de reconhecer a faceta estrutural do racismo e combatê-la de forma eficaz no âmbito esportivo. Essa conduta contribui para a manutenção do sistema atual de desigualdade e violência contra negros, fortalecendo a branquitude, como defende Lia Schucman (2014).

A pesquisa teve como base a Análise de Conteúdo, apoiada nas noções de Laurence Bardin (1977). A metodologia foi crucial para aprofundar as investigações propostas por este trabalho de conclusão de curso. A partir da elaboração de indicadores, foi possível observar padrões na abordagem jornalística do MARCA que, somados aos referenciais teóricos apresentados nos capítulos anteriores, possibilitaram a compreensão histórica e contextualizada do racismo – perpetuado, inclusive, pelo veículo – na Espanha.

Entre as principais problemáticas identificadas na pesquisa está a falta de reconhecimento do racismo nas atitudes dos agressores por parte do jornal, em mais de 40% das menções. Esse percentual aumenta para 60% quando desconsideramos o oitavo – e último – caso, que teve maior repercussão e pressão mundial. Além disso, dois episódios não registraram sequer uma menção que reconhecesse o ato como racista. Segundo Djamila Ribeiro (2019), a identificação desse problema é o primeiro passo para lutar por justiça e igualdade racial. Se o racismo não é reconhecido, não é possível realizar um combate eficaz.

Outro ponto relevante constatado é a superficialidade da cobertura midiática proporcionada pelo diário espanhol, também conectada com o resultado supracitado. Dois terços dos textos examinados apresentaram os acontecimentos envolvendo Vini Jr de maneira sucinta, abreviada. O MARCA não forneceu aos

leitores descrições detalhadas dos fatos e variedade de fontes e perspectivas, indo na direção contrária dos compromissos da profissão propostos por Kovach e Rosenstiel (2004).

A própria voz de Vinicius Júnior foi praticamente silenciada nas menções analisadas. Suas declarações sobre os acontecimentos estiveram presentes em apenas 7 dos 51 textos, o que representa um percentual de 13%. Nos episódios 5, 6 e 7, não houve nenhum espaço para as versões do jogador. A ausência das perspectivas da vítima nos oito casos perpetua uma narrativa unilateral, distorcida e injusta. Ao não incluir mais vozes e perspectivas negras, o jornalismo se afasta da realidade e limita o entendimento público sobre a gravidade deste tema.

Ainda, não foram poucas as vezes em que a vítima foi atacada pelos jornalistas espanhóis, assumindo o lado do agressor. Dois em cada dez textos analisados criticaram a postura de Vini, muitas vezes estabelecendo o brasileiro como um dos culpados pelos crimes que sofreu. Seja equiparando a reação do jogador aos insultos racistas, seja alegando que a torcida só disseminou ódio depois do jogador provocar em campo, seja exigindo reflexões dele e correção de comportamento, seja comentando que "não é um santo" e minimizando o debate ao defender que a solução seria o atleta sair do Real Madrid.

Esses e demais padrões demonstrados no estudo deste trabalho provocam a reflexão a respeito da construção racista da sociedade espanhola, com relações globais baseadas em opressão e exploração de minorias acentuadas desde o colonialismo, em meados do século XVI. Toasijé (2023) explica que o país provavelmente é o criador do racismo como conhecemos, com a ideia de raças superiores. O passado escravocrata da Espanha fez com que o povo sempre negasse sistematicamente a existência da prática do racismo, hipótese confirmada na análise. Hoje, apenas 1,5% da população total é composta por negros.

Os discursos racistas não podem continuar sendo normalizados na mídia espanhola, e a imprensa esportiva do país tem uma grande responsabilidade nisso. No contexto do jornalismo esportivo, não basta apenas captar a emoção que domina as arquibancadas; é fundamental lembrar o papel essencial que desempenha na formação da opinião pública e nas atitudes dos torcedores. A abordagem do racismo superficial e descompromissada, observada no jornal MARCA, não apenas falha em seu dever de informar e educar, mas também contribui para a manutenção do racismo presente no mundo.

Cerca de um milhão de pessoas leem por dia o jornal MARCA, segundo dados do "Estudo Geral de Mídias" realizado pela Associação para Pesquisa de Meios de Comunicação (AIMC). Em complemento, o levantamento da Fundação BBVA trazido no terceiro capítulo demonstrou que o jornal impresso é o meio de comunicação mais confiável da Espanha. Diante da cobertura midiática apresentada na análise, levanta-se o questionamento quanto à preocupação do veículo e dos jornalistas em entregar conteúdos responsáveis e sérios para seu público.

A história ajuda a compreender a cultura de impunidade e a inércia das autoridades, mas o jornalismo esportivo precisa desvencilhar-se desta concepção e seguir rigorosamente seus princípios éticos, atuando como "Quarto Poder" da sociedade. A área especializada tem o papel de ir além dos acontecimentos do jogo, para liderar e fomentar discussões sobre questões sociais e raciais no esporte. Portanto, a cobertura deve ser profunda e enérgica, questionando e denunciando atos racistas sofridos por Vinicius e outros tantos jogadores, dirigentes e atores do âmbito esportivo espanhol. O jornalista esportivo é, em sua essência, um jornalista: a pauta deve ser sempre guiada pela busca por justiça, igualdade e defesa dos direitos humanos.

A presente pesquisa formulou provocou novas inquietações em relação ao tema. O autor deseja avançar no entendimento do papel do jornalismo na abordagem do racismo no futebol espanhol, explorando direções como estudos comparativos entre jornais diários, como As, Mundo Deportivo e Sport, esportivos que possuem os maiores números de venda após o MARCA. Analisar diferentes visões editoriais pode revelar variações significativas ou constatar padrões ainda mais alarmantes nesse cenário.

Além disso, análises da evolução ao longo de décadas da cobertura jornalística de casos de racismo no esporte, em geral, podem gerar insights sobre mudanças de narrativa e seus devidos motivos. Assim, ajudaria a identificar tendências e contribuir ainda mais para o desenvolvimento de estratégias eficazes aos jornalistas no combate ao racismo. Nesse sentido, o autor deseja dedicar-se à pesquisa científica e levar os conhecimentos adquiridos aos veículos jornalísticos, para ir além da atual abordagem superficial.

REFERÊNCIAS

AGUILAR-IDÁÑEZ, Maria-Jose. **El racismo institucional en las políticas e intervenciones sociales dirigidas a inmigrantes y algunas propuestas prácticas para evitarlo**. Documentación Social. Castilla La-Mancha, n. 162, p. 139-166. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/349817771_El_racismo_institucional_en_las_politicas_e_intervenciones_sociales_dirigidas_a_inmigrantes_y_algunas_propuestas_practicas_para_evitarlo. Acesso em: 24 abr. 2024.

AIMC – ASSOCIAÇÃO PARA PESQUISA DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO. **Estudo Geral de Mídias**. Madrid: AIMC, 2024. Disponível em:

<https://reporting.aimc.es/index.html#/main/diarios>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

AZEVEDO, Vivaldo. **Noções de jornalismo aplicado**. São Paulo: Tecnoprint, 1979.

BACELLAR, Luciane; BISTANE, Luciana. **Jornalismo de TV**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BBVA, Fundação. **Estudo sobre Pautas de Consumo de Informação**. Bilbao: Fundação BBVA, 2023. Disponível em:

<https://www.fbbva.es/wp-content/uploads/2023/06/Estudio-Consumo-de-Informaci%C3%B3n-Fundaci%C3%B3n-BBVA.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BERNAL, Aurora Labio. **Periodismo deportivo y sensacionalismo**: motivos para la reflexión. In: MONTÍN, Joaquín Maria. **Imagen, comunicación y deporte**: una aproximación teórica. Madrid: Vision Libros, 2008.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CANUTO, Luiz Cláudio. **Debatedores apontam desafios de trabalhadores imigrantes e refugiados no Brasil**. Câmara de Notícias, Brasília, 31 ago. 2023. Disponível em:

<https://www.camara.leg.br/noticias/993591-debatedores-apontam-desafios-de-trabalhadores-imigrantes-e-refugiados-no-brasil/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

CARDOSO, Márcia Regina Gonçalves; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; GHELLI, Kelma Gomes Mendonça. **Análise de Conteúdo: uma metodologia de**

pesquisa qualitativa. In: **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 98-111: Monte Carmelo: UNIFUCAMP, 2021. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2347>. Acesso em: 29 mai. 2024.

CARVALHO, Marcelo Medeiros; MANERA, Débora Macedo da Silveira. **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2022**. Porto Alegre: Observatório da Discriminação Racial do Esporte, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS, 2023. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2022/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2022.pdf. Acesso em: 18 abr. 2024.

CHAVES, Eduardo Magnus. **“Somos todos Vinicius Júnior”**: as histórias cotidianas de racismo na Espanha. revista piauí, Madrid, 25 mai. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/somos-todos-vinicius-junior-as-historias-cotidianas-de-racismo-na-espanha/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo Esportivo**. 4. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

ERBOLATO, Mário de Lucca. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981.

ESPORTIVA, Gazeta. **Vini Jr. recebe ameaças de morte e ofensas racistas no clássico contra o Barcelona**. UOL, São Paulo, 20 mar. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/gazeta-esportiva/2023/03/20/vini-jr-recebe-ameacas-de-morte-e-ofensas-racistas-no-classico-contra-o-barcelona.htm>. Acesso em: 06 jun. 2024.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução: José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. Prefácio à 1ª Edição – O Negro no Futebol Brasileiro. In: RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GE.GLOBO. **Bilbao escala jogador negro pela primeira vez em 113 anos de história**. Ge.globo, Sevilla, 20 nov. 2011. Disponível em: <https://glo.bo/v91wno>. Acesso em: 21 abr. 2024.

GE.GLOBO. **Câmeras flagram insultos a Vinicius Junior e revolta do brasileiro com árbitro em jogo do Real**. Ge.globo, Pamplona, 19 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/02/19>

[9/cameras-flagram-insultos-a-vinicius-junior-e-revolta-do-brasileiro-com-arbitro-em-jogo-do-real.ghtml](#). Acesso em: 05 jun. 2024.

GE.GLOBO. **LaLiga apresenta nova denúncia de racismo contra Vinicius Jr, do Real Madrid**. Ge.globo, Madrid, 9 mar. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/03/09/laliga-apresenta-nova-denuncia-de-racismo-contra-vinicius-jr.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2024.

GE.GLOBO. **Torcida do Atlético de Madrid simula enforcamento de Vinicius Junior**. Ge.globo, Madrid, 26 jan. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2023/01/26/torcida-do-atletico-de-madrid-simula-enforcamento-de-vini-jr-antes-de-classico-com-real-madrid.ghtml>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GE.GLOBO. **Torcida do Atlético faz cânticos racistas contra Vinicius Junior**. Ge.globo, Madrid, 18 set. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/09/18/torcida-do-atletico-faz-canticos-racistas-contra-vinicius-junior.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GE.GLOBO. **TV flagra Vinicius Junior sendo chamado de macaco em duelo contra o Mallorca**. Ge.globo, Madrid, 06 fev. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/02/06/tv-flagra-vinicius-junior-sendo-chamado-de-macaco-em-duelo-contra-o-mallorca.ghtml>. Acesso em: 03 jun. 2024.

GE.GLOBO. **Valencia x Real Madrid é interrompido por racismo contra Vinicius Junior**. Ge.globo, Valência, 21 mai. 2023. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2023/05/21/valencia-x-real-madrid-e-interrompido-por-racismo-contra-vinicius-junior.ghtml>. Acesso em: 08 jun. 2024.

GE.GLOBO. **Vinicius Junior sofre insultos racistas e condena LaLiga: "Segue sem fazer nada"**. Ge.globo, Valladolid, 31 dez. 2022. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2022/12/31/vinicius-junior-sofre-insultos-racistas-em-valladolid-x-real-madrid-veja.ghtml>. Acesso em: 02 jun. 2024.

GRASSO, Daniele; ANDRINO, Borja. **El racismo en 34.000 actas arbitrales: 68 partidos de fútbol con insultos xenófobos**. El País, Madrid, 20 dez. 2019. Disponível em: https://elpais.com/deportes/2019/12/20/actualidad/1576856967_190133.html. Acesso em: 21 abr. 2024.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu Silva. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1992.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101972_informativo.pdf. Acesso em: 12 abr. 2024.

INE – INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **Estatística contínua da população**. Madrid: INE, 2024. Disponível em: <https://www.ine.es/uc/MLJdDz0si1>. Acesso em: 13 abr. 2024.

JOHNSON, Allan George. **Dicionário de sociologia: guia prático da linguagem sociológica**. Tradução: Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LOZZA, Carmen. **Escritos sobre jornais e educação: olhares de longe e de perto**. São Paulo: Global, 2009.

MARCA. **1938: El reto de sacar un medio sin medios**. MARCA, Madrid, 21 dez. 2017. Disponível em: <https://www.marca.com/mundo-marca/2017/12/21/5a3b88d746163f8e648b458d.html>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MARCA. **Radio MARCA cierra el 2023 con 459.000 oyentes, 23.000 más que el año pasado**. MARCA, Madrid, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://www.marca.com/radio/2023/11/30/65681d8022601d331a8b4590.html>. Acesso em: 20 mai. 2024.

MARSHALL, Leandro. **O jornalismo na era da publicidade**. São Paulo: Summus, 2003.

MOREIRA, Adilson José. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

MOYA, Salvador Rodríguez. **Racismo en el fútbol profesional: realidad social y dimensión mediática**. 2011. Tese (Doutorado em Humanidades) – Programa de Doutorado em Artes e Humanidades, Faculdade de Humanidades, Universidade de Almería, Almería, 2011. Disponível em: <https://www.educacion.gob.es/teseo/imprimirFicheroTesis.do?idFichero=agjWaypX25c%3D>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoidentidadeEEtnia.pdf. Acesso em: 06 abr. 2024.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OBERAXE – OBSERVATÓRIO ESPANHOL DO RACISMO E DA XENOFOBIA. **Estudo para o conhecimento e a caracterização da comunidade africana e afrodescendente**. Madrid: OBERAXE, 2020. Disponível em: https://www.inclusion.gob.es/oberaxe/ficheros/documentos/PDF-16-Estudio-para-el-conocimiento-de-la-C-Africana.-ACC_ARN_13.11.20.pdf. Acesso em: 12 abr. 2024.

OLIVEIRA, Rodrigo. **"A Espanha inventou o racismo", diz presidente de Conselho para Eliminação da Discriminação Racial do país**. GZH, Porto Alegre, 16 jun. 2023. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/noticia/2023/06/a-espanha-inventou-o-racismo-diz-presidente-de-conselho-para-eliminacao-da-discriminacao-racial-do-pais-clizuf001i0151py1tf5y6.html>. Acesso em: 15 abr. 2024.

OSELAME, Mariana Corsetti. **Padrão Globo de Jornalismo Esportivo**. Seções do Imaginário. Porto Alegre: nº (p. 63 – 71), 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/9026>. Acesso em 29 abr. 2024.

OUR WORLD IN DATA. **População da Espanha**. Oxford: Our World in Data, 2020. Disponível em: <https://ourworldindata.org/grapher/population-unwpp?time=earliest..2020&country=~ESP>. Acesso em: 13 abr. 2024.

PENA, Sérgio Danilo Junho. **Razões para banir o conceito de raça da medicina brasileira**. História, Ciências, Saúde. Manguinhos, v. 12, n. 1, p. 321-46, maio-ago. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/4HVGFSRLKrw93YqbfdB3dt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 abr. 2024.

PIRES, Breiller. **Condenados pelo Maracanazo, absolvidos pela história**. El País, São Paulo, 16 jul. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-07-16/condenados-pelo-maracanazo-absolvidos-pela-historia.html>. Acesso em: 18 abr. 2024.

PIRES, Breiller. **Goleiro negro virou símbolo da torcida antirracista do Rayo Vallecano**. El País, São Paulo, 21 nov. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/11/18/deportes/1574039533_904366.html. Acesso em: 22 abr. 2024.

PODER360. **Com assinatura barata, jornais turbinam digital em 2023**. Brasília: PODER360, 2024. Disponível em:

<https://www.poder360.com.br/midia/com-assinatura-barata-jornais-turbinam-digital-e-m-2023/>. Acesso em: 30 abr. 2024.

POLI, Gustavo; CARMONA, Lédio. **Almanaque do Futebol Sportv**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009.

RAÇA. *In*: MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**.

Melhoramentos, 2024. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/raça/>.

Acesso em: 29 mar. 2024.

RACISMO. *In*: MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**.

Melhoramentos, 2024. Disponível em:

<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/racismo/>

. Acesso em: 29 mar. 2024.

REIS, Rafael. **Filho de princesa, 1º jogador profissional negro foi vetado na seleção**. UOL, São Paulo, 14 abr. 2020. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/colunas/rafael-reis/2020/04/14/filho-de-princesa-1-jogador-profissional-negro-foi-vetado-na-selecao.htm>. Acesso em: 17 abr.

2024.

RELAÑO, Alfredo. **De Betancourt a Vinicius, una persecución que empezó en los noventa**. El País, Madrid, 28 mai. 2023. Disponível em:

<https://elpais.com/deportes/2023-05-28/de-betancourt-a-vinicius-una-persecucion-que-empezo-en-los-noventa.html>. Acesso em: 21 abr. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SALOMÃO, Mozahir. **Jornalismo radiofônico e vinculação social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SANJURJO, Juan Antonio Simón. **La mercantilización del fútbol español en los años veinte: de la implantación del profesionalismo al nacimiento del campeonato nacional de liga**. *Esporte e Sociedade*. Madrid, n. 6, p. 1-30. 2011.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/282648288_La_mercantilizacion_del_futbol_espanol_en_los_anos_veinte_de_la_implantacion_del_profesionalismo_al_nacimiento_del_campeonato_nacional_de_liga. Acesso em: 18 abr. 2024.

SANTOS, Hugo Leonardo Silva dos. **Ditadura militar e futebol: a origem do esporte e sua utilização como ferramenta para legitimar os governos autoritários no Brasil**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Escola de Serviço Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/10929/3/HL_Santos.pdf. Acesso em: 17 abr. 2024.

SANTOS, Naiara Aisha Rodrigues dos. **O ser negro dentro dos gramados: análise cultural da construção da identidade do atleta negro por meio do jornalismo esportivo**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/34000/1/SerNegroDentro.pdf>. Acesso em 27 abr. 2024.

SCHUCMAN, Lia. Vainer. **Sim, nós somos racistas: estudo psicossocial da branquitude paulistana**. *Psicologia & Sociedade*. Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 83-94, abr. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ZFbbkSv735mbMC5HHCsG3sF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 abr. 2024.

SEABRA, Roberto. Dois séculos de imprensa no Brasil: do jornalismo literário à era da Internet. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Org.). **Imprensa e poder**. Brasília: Ed. UNB, 2002. Coleção Comunicação, pp. 31-74.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOUSA, Joanna de Ângelis Barbosa de. **Mídia e racismo no futebol brasileiro**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/123456789/9094/3/M%C3%ADdia%20e%20Racismo%20no%20futebol%20brasileiro.pdf>. Acesso em 25 abr. 2024.

SOUSA, Jorge Pedro de. **As notícias e os seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1999. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>. Acesso em 26 abr. 2024.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: Da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

STÉDILE, Miguel Enrique. **Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação**. *Espaço Plural*. Toledo, v. 14, n. 29, p. 15-44, jul-dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944242003.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**, vol. 1. Porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 2005.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Dimensões Sociais do Esporte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Princípios Internacionais da Ética Profissional no Jornalismo**. Paris: UNESCO, 1978. Disponível em:

<https://www.unesco.org/en/legal-affairs/declaration-fundamental-principles-concerning-contribution-mass-media-strengthening-peace-and>. Acesso em: 28 abr. 2024.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação e Educação Continuada
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br